

Patricia Maria de Moraes Barros Fucs

50 Congressos



Patricia Maria de Moraes Barros Fucs

500 Congressos



Expediente

2018 Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT)
<http://www.sbot.org.br>

Diretoria SBOT 2018

Presidente: Patricia Maria de Moraes Barros Fucs (SP)
1º Vice-Presidente: Moisés Cohen (SP)
2º Vice-Presidente: Glaydson Gomes Godinho (MG)
Secretário-Geral: Marcus Vinicius Malheiros Luzo (SP)
1º Secretário: Vincenzo Giordano Neto (RJ)
2º Secretário: Sandro da Silva Reginaldo (GO)
1º Tesoureiro: Fernando Façanha Filho (CE)
2º Tesoureiro: Rafael Trevisan Ortiz (SP)
Diretor de Comunicação e Marketing: Moisés Cohen (SP)
Diretor de Regionais: Paulo Lobo Júnior (DF)
Diretor de Comitês: Jamil Faisal Soni (PR)

50 Congressos

Esta obra é uma publicação histórica, editada pela Palavra Impressa Editora para a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT), em 2018, em comemoração à realização do 50º Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia (CBOT). Tem distribuição interna, gratuita, para os sócios da SBOT e inscritos nos eventos da SBOT.

Os conceitos e opiniões emitidos na obra são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião de toda a Diretoria da SBOT.

Este livro cumpre as normas ortográficas da língua portuguesa, conforme editadas pela Academia Brasileira de Letras em 2009. Porém, no caso da citação de documentos originais (cartas, discursos e trechos de artigos), a grafia original da época foi mantida, sem alteração.

Autora: Patricia Maria de Moraes Barros Fucs
Projeto editorial: Patricia Logullo (Mtb 26.152)
Pesquisa e coleta de dados (CBOT I ao 40): Patricia Logullo
Reportagens (CBOT 41 ao 51): Luiz Roberto de Souza Queiroz
Edição de texto: Patricia Logullo (Palavra Impressa Editora)
Projeto gráfico e diagramação: Heitor Bardemaker Alves Neto
Digitalização e tratamento de imagens e documentos: Heitor Bardemaker Alves Neto
Fotografias: arquivos pessoais e familiares dos membros titulares da SBOT e arquivos da SBOT. A maioria das fotografias antigas foi produzida por colaboradores ou empresas contratadas pela SBOT para cobertura de eventos científicos e sociais e, infelizmente, os nomes dos fotógrafos nem sempre foram preservados nos acervos para o devido crédito.

Sumário

Apresentação 7

Capítulo 1
Os 10 primeiros CBOTs de 1936 a 1953 13

Capítulo 2
CBOTs XI ao XX: crescimento intenso 21

Capítulo 3
Do XXI ao XXX CBOT: profissionalização 27

Capítulo 4
Do XXXI ao 40: A era da velocidade 33

Capítulo 5
O 41º CBOT: lucratividade 39

Capítulo 6
O CBOT 42: logotipo de Niemeyer 45

Capítulo 7
O CBOT 43: tradição do Pavilhão 51

Capítulo 8
44º CBOT: o sol de Salvador 57

Capítulo 9
45º CBOT: o congresso dos hermanos 63

Capítulo 10
46º CBOT: SICOT no Rio 71

Capítulo 11
47º CBOT: Uma praça em São Paulo 81

Capítulo 12
CBOT 48: A arena 89

Capítulo 13
CBOT 49: Economia com qualidade..... **95**

Capítulo 14
50º CBOT: O Congresso da Barra da Tijuca **101**

Capítulo 15
CBOT 51: rumo a Fortaleza..... **107**

Capítulo 16
Como será a Ortopedia durante o 60º CBOT..... **111**

Capítulo 17
Interatividade e velocidade de transmissão: realidades do ensino da medicina hoje **115**

Apresentação

Os Congressos Brasileiros de Ortopedia e Traumatologia (CBOT) nasceram junto com a SBOT: eles já estavam previstos nas cartas que foram trocadas pelos fundadores para articulação da criação da sociedade. No estatuto da fundação da SBOT, em 1935, eles estavam já planejados como reuniões “anuais”, como se grafava na época, a serem realizadas em cidades diferentes. Como eles fazem parte do DNA da SBOT, o 50º aniversário dos CBOTs não poderia passar em branco, e por isso é que se preparou a publicação deste livro histórico.

A história dos CBOTs foi detalhadamente relatada no livro *40 Congressos: resgate histórico dos CBOTs de 1936 a 2008*, publicado pela SBOT em 2008. Como a maior parte dos personagens dessa história já havia falecido à época da edição do livro, foi necessário recorrer ao acervo documental da Comissão História da Ortopedia da SBOT: cartas, atas, estatutos, relatórios, documentos fiscais, fotografias e diapositivos (hoje conhecidos como *slides*). A história dos primeiros 40 congressos de ortopedia do Brasil, portanto, foi garimpada nos documentos que os fundadores da SBOT, e depois outras diretorias deixaram por escrito em documentos. Agora, a história dos 10 últimos CBOTs recorre à memória dos seus presidentes, que forneceram entrevistas para a edição deste segundo livro.

A SBOT faz um convite à leitura dessa história como uma forma de refletir sobre as conquistas dos pioneiros e os avanços conseguidos pelos personagens contemporâneos, que ajudaram a manter viva a tradição de realizar uma reunião anual de ortopedistas no Brasil. Esse exame traz à tona os esforços envolvidos na organização de um evento de grande porte e as dificuldades enfrentadas, em um registro histórico de fatos importantes na vida da Sociedade.

Os CBOTs se revelam como pano de fundo para se observar o desenvolvimento da história da ortopedia e também sobre a forma de ensinar a medicina e a ortopedia: os recursos didáticos, o que os alunos esperam e o futuro das reuniões de treinamento. A obra finaliza com um olhar para o próximo CBOT, que já está sendo organizado!

Seja bem-vindo!

Todos os Congressos Brasileiros de Ortopedia e Traumatologia da história

CBOT	Ano	Local	Presidente do CBOT	Gestão	Presidente da SBOT
I	1936	São Paulo	Luiz Manoel Rezende Puech (1884-1939)	1935-1936	Luiz Manoel Rezende Puech (1884-1939)
II	1937	Rio de Janeiro	Achilles de Araujo (1895-1982)	1937-1938	Achilles de Araujo (1895-1982)
III	1938	Recife	Luiz Ignácio de Barros Lima (1897-1975)	1939-1940	Luiz Ignácio de Barros Lima (1897-1975)
IV	1940	São Paulo	Francisco Domingos Define (1895-1985)	1941-1942	Francisco Domingos Define (1895-1985)
V	1942	Rio de Janeiro	Antonio Benevides Barboza Vianna (1890-1946)	1943-1944	Antonio Benevides Barboza Vianna (1890-1946)
VI	1944	Porto Alegre	Luiz Francisco Guerra Blessmann (1891-1972)	1945-1946	Luiz Francisco Guerra Blessmann (1891-1972)
VII	1946	Rio de Janeiro	José da Cunha Soares Londres (1906-1986)	1947-1948	José da Cunha Soares Londres (1906-1986)
VIII	1948	Salvador	Benjamin da Rocha Salles (1904-1976)	1949-1950	Benjamin da Rocha Salles (1904-1976)
IX	1950	São Paulo	Renato da Costa Bomfim (1901-1976)	1951-1952	Renato da Costa Bomfim (1901-1976)
X	1953	Petrópolis	Oswaldo Pinheiro Campos (1905-1988)	1953-1954	Oswaldo Pinheiro Campos (1905-1988)
XI	1956	Porto Alegre	Elias José Kanan (1908-1998)	1955-1956	Elias José Kanan (1908-1998)
XII	1958	São Paulo	Francisco Domingos Define (1895-1985)	1957-1958	Francisco Domingos Define (1895-1985)
XIII	1960	Rio de Janeiro/ Brasília	Antonio Caio do Amaral (1905-1975)	1959-1960	Antonio Caio do Amaral (1905-1975)
XIV	1963	Rio de Janeiro	Dagmar Aderaldo Chaves (1908-2002)	1961-1963	Dagmar Aderaldo Chaves (1908-2002)
XV	1965	Ribeirão Preto	José Paulo Marcondes de Souza (1914-1987)	1964-1965	José Paulo Marcondes de Souza (1914-1987)
XVI	1967	Belo Horizonte	José Henrique Matta Machado (1915-2002)	1966-1967	José Henrique Matta Machado (1915-2002)
XVII	1969	Brasília	Geraldo Pedra (1926-1994)	1968-1969	Gastão Dias Velloso (1916-1972)
XVIII	1971	Recife	Antonio Bruno da Silva Maia (1915-1984)	1970-1971	Geraldo Pedra (1926-1994)
XIX	1973	Curitiba	Heinz Rücker (1900-1986)	1972-1973	Luiz Gustavo Wertheimer (1917-1986)
XX	1975	Rio de Janeiro	Donato D'Angelo (1919-2014)	1974-1975	Arcelino Chicre Miguel Bittar (1918-2005)
XXI	1977	Rio de Janeiro	José Albano de Carvalho da Nova Monteiro (1918-2005)	1976-1977	Márcio Ibrahim de Carvalho
XXII	1979	São Paulo	Plínio Candido de Souza Dias (1915-*)	1978-1979	Donato D'Angelo (1919-2014)
XXIII	1982	Salvador	Gustavo Eduardo Texeira da Rocha	1980-1982	João Delfino Michaelson Bernardo Alvarenga Rossi (1926-1994)

CBOT	Ano	Local	Presidente do CBOT	Gestão	Presidente da SBOT
XXIV	1984	Belo Horizonte	Márcio Ibrahim de Carvalho	1983-1984	José da Silva Rodrigues (1926-2010)
XXV	1986	Fortaleza	Francisco das Chagas Moreira Catunda (1925-*)	1985-1986	Camilo André Mércio Xavier
XXVI	1988	Brasília	Edison José Antunes	1987-1988	Celso Augusto Nadalini Simoneti
XXVII	1990	Rio de Janeiro	Karlos Celso de Mesquita	1989-1990	Paulo César de Malta Schott
XXVIII	1992	São Paulo	Rudelli Sérgio Andrea Aristide	1991-1992	Edison José Antunes
XXIX	1994	Salvador	Jorge Eduardo Schoucair Jambeiro	1993-1994	Osny Salomão
XXX	1996	Curitiba	Luiz Carlos Sobania	1995-1996	José Laredo Filho (1939 -2005)
XXXI	1998	Goiânia	Ricardo Espiridião	1997-1998	Karlos Celso de Mesquita
XXXII	2000	Rio de Janeiro	José Sérgio Franco	1999-2000	Luiz Carlos Sobania
XXXIII	2001	Belo Horizonte	Neylor Pace Lasmar	2001	Roberto Attílio Lima Santin
XXXIV	2002	São Paulo	Marco Martins Amatuzzi	2002	Gilberto Luis Camanho
XXXV	2003	Recife	Romeu Krause Gonçalves	2003	José Sérgio Franco
XXXVI	2004	Rio de Janeiro	Marcos Esner Musafir	2004	Neylor Pace Lasmar
XXXVII	2005	Vitória	Hélio Barroso dos Reis	2005	Walter Manna Albertoni
XXXVIII	2006	Fortaleza	Francisco Machado	2006	Arlindo Gomes Pardini Jr.
XXXIX	2007	São Paulo	Walter Manna Albertoni	2007	Marcos Esner Musafir
40	2008	Porto Alegre	Osvandré Luiz Canfield Lech	2008	Tarcísio Eloy Pessoa de Barros Filho
41	2009	Rio de Janeiro	Renato Brito de Alencastro Graça	2009	Romeu Krause Gonçalves
42	2010	Brasília	Paulo Lobo Júnior	2010	Cláudio Santili
43	2011	São Paulo	Osmar Avanzi	2011	Osvandré Luiz Canfield Lech
44	2012	Salvador	Adalberto Visco	2012	Geraldo Rocha Motta Filho
45	2013	Curitiba	Rogério Fuchs	2013	Flávio Faloppa
46	2014	Rio de Janeiro	Geraldo Rocha Motta Filho	2014	Arnaldo José Hernandez
47	2015	São Paulo	Gilberto Camanho	2015	Marco Antonio Percope de Andrade
48	2016	Belo Horizonte	Francisco Carlos Salles Nogueira	2016	Luiz Antonio Munhoz da Cunha
49	2017	Goiânia	Sandro da Silva Reginaldo	2017	João Maurício Barretto
50	2018	Rio de Janeiro	João Antonio Matheus Guimarães	2018	Patricia Maria de Moraes Barros Fucs

* Data de falecimento desconhecida.

Capítulo 1

Os 10 primeiros CBOTs de 1936 a 1953

**De pequenas reuniões
improvisadas aos grandes
congressos**



Domingos Define e Rezende Puech recebem o famoso cirurgião ortopedista Vittorio Putti, de Bolonha, em sua chegada ao Brasil, onde veio palestrar no primeiro Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia, em 1936. Mais à direita, de bigodes, Renato Bomfim.

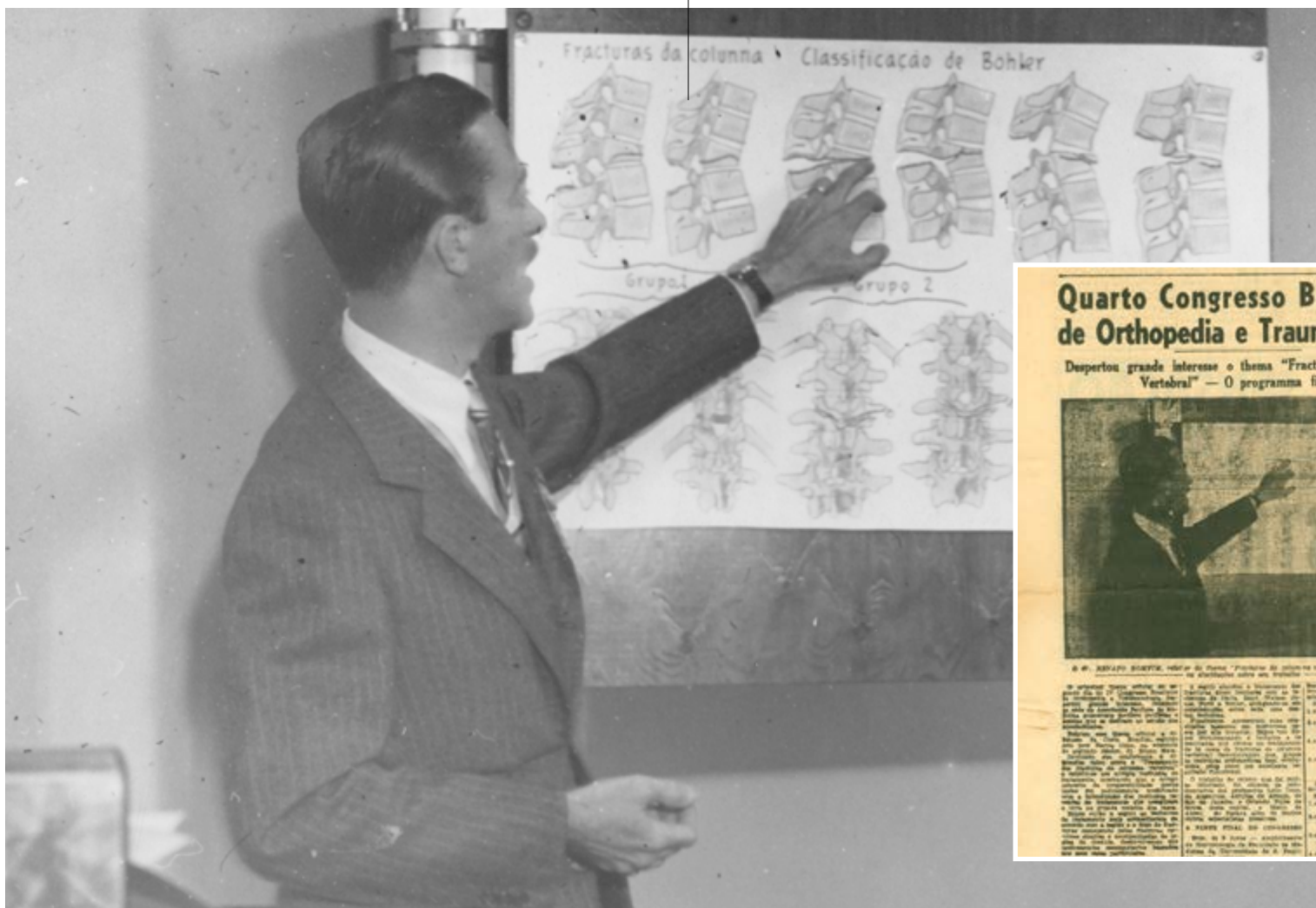
O primeiro Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia (CBOT) ocorreu apenas nove meses após a fundação da SBOT. Em 1º de julho de 1936, em São Paulo, reuniram-se no Pavilhão “Fernandinho Simonsen”, na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo — o primeiro hospital da América Latina dedicado à Ortopedia — especialistas de várias partes do país, liderados por Luiz Manoel de Resende Puech, o primeiro presidente da SBOT e do I CBOT, além de Vittorio Putti, do Instituto Rizzoli de Bolonha, que veio da Itália de vapor para o evento. A SBOT possui em seu acervo, e já expôs (no Museu História da Ortopedia Brasileira) fotos originais da chegada de Pucci na estação de trem em São Paulo, sendo recebido por Puech, Renato da Costa Bonfim e outros.

Por um longo período, todas as decisões da SBOT eram tomadas durante o CBOT, em reuniões fechadas ou assembleias gerais reunindo não mais que algumas dezenas de especialistas e interessados. Dada a dificuldade de locomoção na época, toda a comunicação, nas primeiras décadas, era feita por cartas e telegramas, e as reuniões presenciais... “só no próximo CBOT! Ou quase isso”, como descrevem Tarcísio Eloy Pessoa de Barros Filho e Osvandré Lech em *40 Congressos: resgate histórico dos CBOTs de 1936 a 2008*.

Os CBOTs eram tão importantes que o funcionamento da SBOT, nos primeiros anos, era mantido com a inscrição dos participantes somente (sócios e não sócios) e ausência da indústria — uma realidade bastante diferente da atual. Pouco se sabe a respeito do número de congressistas nos 10 primeiros eventos. Sabe-se, por exemplo, que pelo menos 27 palestrantes deram contribuições ao primeiro congresso, e 23 para o segundo, realizado no ano seguinte. As palestras duravam mais de uma hora muitas vezes, e os palestrantes tinham somente com o auxílio de uma lousa e uma vareta.

Além de longos, os discursos eram cheios de recursos de oratória, obedecendo à tradição da época de se respeitar a figura do “temível mestre”: a medicina baseada em evidências ainda estava muito longe de surgir e a cirurgia era ensinada pessoalmente, em programas pessoais de treinamento, em que o que se aprendia era a experiência do cirurgião mais experiente. Se ele dizia que “dava certo”, então a técnica era repetida. Simples assim, e sem questionamentos. Os programas dos congressos eram simples, com poucas páginas — pois as palestras eram longas e pouco numerosas. Tão longas que, por vezes, não havia tempo para apresentar todos os temas livres.

Renato Bomfim palestrando no IV CBOT, em 1940, em São Paulo, e notícia com a mesma foto publicada no jornal da época





Eleição de José Londres em 1944 como presidente: votos anotados na lousa.

Os convites, assim como os documentos de inscrição eram datilografados, por vezes copiados com papel carbono ou mimeógrafo (mais tarde), em papéis timbrados em gráficas que ainda usavam linotipos. O preenchimento pelo congressista era feito numa caligrafia impecável, com caneta tinteiro (às vezes, tinta ferrogálica). Havia uma discussão se os CBOTs deveriam ser abertos a não sócios, ou seja, a “não especialistas” — numa época em que a própria definição da especialidade ainda estava um pouco nebulosa. Além do ensino da ortopedia, discutiam-se critérios de aceitação de novos membros para a SBOT e também o ensino da Ortopedia, da Traumatologia. Havia uma corrente que defendia uma posição mais liberal, de que a traumatologia deveria ser ensinada a qualquer cirurgião, para que esse saber estivesse à disposição de qualquer paciente acidentado, especialmente nas áreas menos providas de especialistas. Outra que chamava para algo mais parecido com “cirurgia ósteo-articular” ao invés de “ortopedia”, um nome ainda muito ligado à ortopedia. A admissão de novos membros na SBOT nessa época exigia que o candidato enviasse currículo completo para análise e votação em Assembleia Geral, em um dos congressos.



Convites e ficha de
inscrição nos CBOTs da
década de 1940

Os três primeiros CBOTs são muito importantes: o primeiro, presidido por Puech, o segundo, por Achilles Araujo, que criaria a a *Revista Brasileira de Ortopedia* (RBO) três anos depois, o terceiro, por Luiz Ignácio de Barros Lima, que havia trazido para o Brasil a ideia de criar a SBOT a partir de um estágio com Putti no Instituto Rizzoli. Esses três fundadores da SBOT tiveram o desafio de organizar os primeiros CBOTs antes da Segunda Guerra Mundial, respectivamente em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, a "Veneza brasileira" — este último já em meio a alguma agitação política devida ao golpe de Estado ocorrido no ano anterior, com a instalação do Estado Novo. O quarto CBOT retornaria a São Paulo, mas somente em 1940, porque nenhum evento foi organizado em 1939. A conjuntura política (nacional e internacional) e especialmente a morte de Puech, em 4 de janeiro de 1939, dificultaram a realização de um evento naquele ano.

Oito meses após a morte de Puech, uma Assembléia Geral no Pavilhão Fernandinho Simonsen decidiu pela primeira Reforma dos Estatutos da SBOT, em que ficou planejado que os eventos passariam a ocorrer a cada dois anos, e que a presidência do Congresso e da Sociedade seriam exercidas cumulativamente, também por dois anos — como mostra o quadro, porém, o que aconteceu de fato é que o presidente do congresso em um seria o presidente da SBOT nos dois anos seguintes. O IV "Congresso Brasileiro da SBOT" (com 35 palestrantes), iniciou-se, na tarde de 1º de julho de 1940 de forma bastante estranha: com uma romaria dos ortopedistas inscritos ao túmulo do professor Puech, no Cemitério da Consolação, pela manhã, onde Barros Lima proferiu discurso. A visita estava inclusive registrada no Programa do evento.

O quinto congresso ocorreu em 1942, num ambiente de reconhecimento da ortopedia como especialidade geral, mas de subespecialização, incluindo a traumatologia de guerra, inclusive com uma das sessões dedicada a membros da Academia Brasileira de Medicina Militar. No VI Congresso, realizado em 1944 em Porto Alegre — em plena Segunda Guerra Mundial —, houve palestra de membros da Força Expedicionária Brasileira (FEB) atuantes no norte da Itália. Entre o VI Congresso e o VII Congresso da SBOT, no Rio de Janeiro, formou-se o primeiro residente em Ortopedia do país, João de Azevedo Lage, que concluiu o treinamento de um ano no Hospital das Clínicas em 1945, o primeiro Programa de Residência Médica em Ortopedia, criado por Francisco Elias Godoy Moreira em 1943.

Ainda durante o VI Congresso, havia sido decidido em assembleia que o evento seguinte seria realizado no Recife, sob presidência de Barros Lima. Entretanto, em 9 de setembro de 1944, foi necessária reunião para discutir um “pedido de renúncia” de Barros Lima (este episódio é detalhado no livro sobre os *40 Congressos*). Em 12 de outubro, a SBOT reuniu-se novamente e decidiu-se pelo nome de José Londres, à época presidente da Sociedade, e pela capital do país como sede do VII Congresso. O VII Congresso retomou o tema dos traumas de conflitos bélicos, repleto de conferências e também projeções de filmes da Segunda Guerra.

Essa realização bienal do CBOT prosseguiu até 1953, quando o congresso foi realizado com grande pompa e circunstância em Petrópolis, em conjunto com o II Congresso da SLAOT (Sociedade Latinoamericana de Ortopedia e Traumatologia), com 21 convidados internacionais. A imprensa local deu cobertura aos eventos com matérias de primeira página de jornais como *A Tribuna de Petrópolis* — um pouco apimentada por escândalos e tititis envolvendo Lutherio Vargas, filho de Getúlio Vargas e coordenador geral do evento. Os CBOTs começavam uma fase de intenso crescimento.

Os CBOTs floresciam também como eventos sociais, em que já era clássica a figura de homens de terno enfileirados para a foto oficial: a diferença para as fotos de hoje eram as cortinas de veludo ao fundo, os móveis em madeira escura, os ambientes mal iluminados, os chapéus (na mão ou na cabeça), algumas gravatas borboleta que ainda resistiam. Nos jantares, coquetéis e bailes, homens de fraque, mulheres de vestido longo, peles e muitas joias. Apresentações de tenores e sopranos, passeios a museus ou praias para as acompanhantes, visitas a centros cirúrgicos para os congressistas. Jockey Club de São Paulo ou Hipódromo da Gávea, o Automóvel Club de São Paulo, o Iate Club de São Paulo, o Copacabana Palace “Stadium Municipal do Pacaembú”, excursão a Parque Nacional da Serra dos Órgãos, a fazendas, pesca no Rio Amazonas, “caçada à onça”, visitas ao Palácio do Catete e ao Palácio do Itamarati foram alguns dos programas nos CBOTs, por exemplo, além da realização de piqueniques, almoços, recepções em residências dos ortopedistas e até do presidente Vargas.

Solicitação de inscrição no congresso por Heitor Nascimento, em carta datada de 18 de maio de 1942

“Prezado amigo, dr. Renato Bonfim. Recebi a circular lembrando da reunião do próximo congresso da S.B.O.T. a realizar-se em julho futuro. Estou certo de comparecer e pretendo levar um modesto trabalho relatando um (...) caso de osteosarcoma da diáfise do humero em criança de 12 anos tratado segundo aconselha Albee pela ressecção e substituído por enxerto ósseo. O caso evoluiu muito satisfatoriamente...” (descrição do caso) “Para os temas oficiais, não levo contribuição por escrito, pretendendo tomar parte nos debates, caso haja oportunidade. Contudo se o colega achar que a minha contribuição avulsa, fora do tema oficial, não apresenta interesse para o Congresso, fica sem efeito a sua inscrição”.

Congresso Internacional de Ortopedia

CONVERSANDO NO QUITANDINHA

A única mulher que apresentou trabalho — Uso do prego intramedular — Dois tumores parecidos, mas diferentes

(Reportagem de Flávia da Silveira Lôbo)

O prof. Achilles de Araujo, catedrático de Ortopedia da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, me diz que o Congresso constitui realmente um notável acontecimento. E continua: "Nunca estiveram em nosso país tantos valores exponeciais da ortopedia mundial. Magnificamente recebidos foram eles e creio que não de levar boa impressão dos espe-



A dra. Nora Bloise (Argentina) falou nas osteopatias endócrinas e metabólicas

cialistas brasileiros. É preciso, aliás, que esses homens de pensamento e opinião possam contar lá fora que não possuímos apenas uma bela natureza mas que o desenvolvimento científico do Brasil marcha paralelamente ao seu desenvolvimento econômico e social".



O dr. G. Küntscher (Alemanha) criador do método de ósteo-síntese intramedular, conversa com o dr. Dagmar

OSTEOPATIAS ENDÓCRINAS E METABÓLICAS

E aí passam por mim uns garotos muito animados, que já estiveram na Exposição de Ortopedia, organizada numa das salas. Alguns médicos trouxeram os filhos, o que empresta ao Quitandinha mais alegria.

Os ortopedistas vêm saindo da conferência — e, no meio deles, vejo a única mulher que apresentou trabalho, a dra. Nora Bloise (Argentina).

A médica resume para mim, muito gentilmente, a tese que infelizmente não pude ouvir. Trata-se das osteopatias endócrinas e metabólicas.

Diversos fatores intervêm no processo normal da ossificação: os osteoblastos e osteoclastos; as proteínas; os sais de cálcio e fósforo; as glândulas, especialmente as paratiróides e as vísceras, sobretudo o rim e o aparelho digestivo.

Proteínas e sais devem ser adequadamente ingeridos e suficientemente aproveitados, pois o osso normal é uma esponja de matriz proteica onde se depositam os sais, sendo isso favorecido pela ação da vitamina D.

Se há transtornos do aparelho digestivo ou do rim ou da dieta, surgem a osteoporose, em que existe defeito na formação da matriz, e a osteomalácia e o raquitismo em que o osso não se calcifica.

As vezes, além do mais, em virtude da ação do hormônio paratireoide ou por insuficiência renal, sobrevém uma reabsorção óssea ou descalcificação, que também se observa na insuficiência de outras glându-

las, como a hipófise, a supra-renal ou as glândulas genitais.

Importante fazer o diagnóstico correto destes quadros clínicos para instituir o tratamento conveniente.

O CRIADOR DO MÉTODO DE ÓSTEO-SÍNTESE

Aperto agora a mão do doutor G. Küntscher (Schleswig, Alemanha), criador do método de ósteo-síntese intramedular, apresentado em 1940, divulgado durante a guerra e hoje larga-

em que é operado. A articulação do joelho recupera a mobilidade pouco tempo depois da retirada do prego.

O autor descreveu a técnica das artrodeses e do tratamento das pseudoartroses pela via intramedular. Nas pseudoartroses da extremidade superior falta a pressão do peso do corpo e se torna necessária uma pressão adicional.

SARCOMA DE EWING E RETÍCULO-SARCOMA

O dr. Fritz Schajowicz (Ar-



A exposição, destinada aos especialistas atrai também os leigos curiosos

mente empregado no mundo inteiro.

Desse método falou o próprio dr. Küntscher no presente congresso. E mais outros congressistas, que discutiram também as suas indicações e as suas contraindicações e os meios de evitar o abuso que naturalmente ocorre em todos os processos novos.

Eis um brevíssimo resumo do que disse terça-feira o ortopedista alemão a respeito dos princípios fundamentais da prótese intramedular.

O prego intramedular garante melhor que o aparelho gessado e a extensão continua o cumprimento da exigência de Böhler para o tratamento das fraturas: imobilização absoluta e ininterrupta.

A forma em V e a alestabilidade no sentido do diâmetro do prego fazem que ele acompanhe a reabsorção das paredes do canal medular, permitindo ainda um certo encurtamento do osso durante a consolidação. Portanto, o prego deve ser fabricado com material muito duro e bastante elástico no sentido diametral. Quanto mais

gentina), que já trabalhou com o dr. Trueta, na Inglaterra, e com o dr. Friberg na Suécia, é assistente do prof. José Valls e me atende amavelmente.

Começa declarando que o sarcoma de Ewing é um dos tumores mais malignos do esqueleto. E corrige: o mais maligno. Em geral dentro do ano a pessoa morre. Prognóstico péssimo, portanto. A radioterapia, que obtém bons resultados no princípio, provoca depois metástase, freqüentemente no pulmão. O tratamento atual é a amputação.

Já no retículo-sarcoma, muito parecido com o sarcoma de Ewing, o prognóstico é muito mais favorável. Muitos doentes sobrevivem, dez anos até.

Importantíssimo, assim, distinguir os dois tipos de tumor. O dr. Schajowicz estudou sessenta e três casos e apontou as diferenças histológicas e clínicas existente entre o sarcoma de Ewing e o retículo-sarcoma.

O assistente do prof. Valls é um anatomopatologista de valor — afirma o dr. Dagmar Chaves, vice-presidente do Congresso

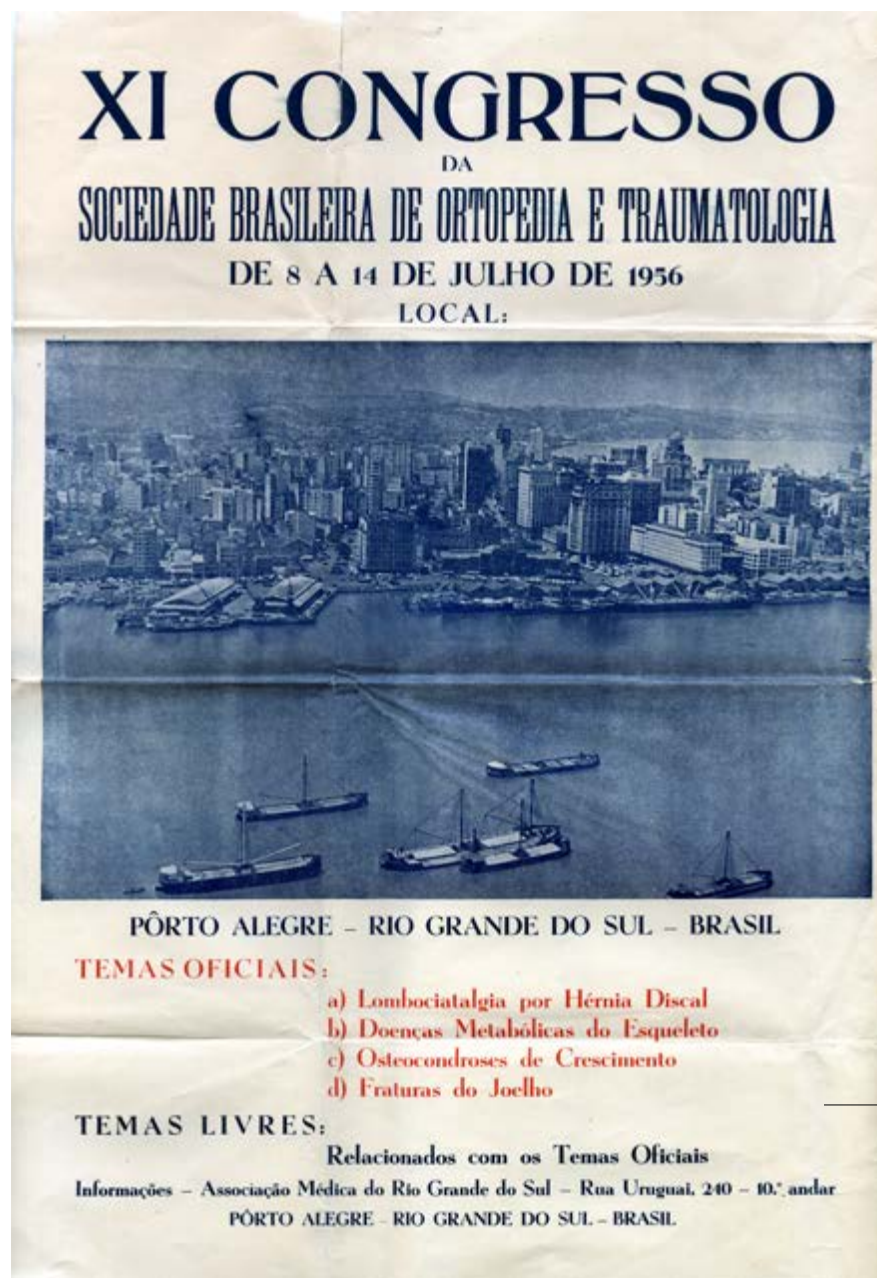
O CBOT de 1953, realizado no famoso hotel Quitandinha, em Petrópolis, teve a primeira palestrante mulher

Capítulo 2

CBOTs XI ao XX: crescimento intenso

**Aumento do porte dos congressos
obriga a reserva de espaços maiores**

Após a magistral reunião de 1953, em Petrópolis, outro CBOT deveria ocorrer em 1955, conforme o planejamento de congressos bienais. Porém um problema que se impôs na época — e que viria a se repetir ao longo de toda a história dos 50 CBOTs — obrigou o adiamento: de acordo com J.L. Corrêa, que deveria presidir o Congresso Brasileiro de Ortopedia, a sua cidade de Belo Horizonte não estava preparada para receber um evento daquele porte. Decidiu-se, então por realizá-lo em Porto Alegre. Porém, Elias Kanan abraçou a responsabilidade de organizar o CBOT contanto que pudesse adia-lo por um ano. Assim, o intervalo entre o X e o XI CBOT foi de três anos, e não de dois, como deveria ser. Isso aconteceu novamente entre o XIII congresso, em 1960, (este realizado em duas cidades, Rio de Janeiro e a recém-inaugurada Brasília) e o XIV, em 1963, novamente no Rio. Outro “salto” ocorreu entre 1979 (XXII, São Paulo) e 1982 (XXIII, Salvador). A partir daí, os CBOTs foram realizados a cada dois anos até 2000, e anualmente depois disso, sem falhas.



E assim o CBOT foi se consolidando como uma reunião não somente científica, mas política, corporativa e social. Conforme relatos já detalhados no livro sobre os 40 Congressos, as assembleias e reuniões extraordinárias davam espaço para decisões que teriam impacto na ortopedia como especialidade e na vida dos ortopedistas. Por trás de cada decisão burocrática ou administrativa havia, naturalmente, interesses que extrapolavam, muitas vezes, o âmbito científico. Crescia o número de sócios da SBOT (atraídos pela especialidade), e também a quantidade de temas livres submetidos para mostra: a esta altura, já era necessário fazer uma seleção prévia dos que poderiam ser apresentados. Discutia-se quem poderia figurar como apresentador, o que caracterizava um ortopedista e quem teria direito de se nominar especialista — e médicos professores de anatomia, cirurgia geral, pediatria e outras disciplinas, que vinham praticando a ortopedia, vinham sendo impedidos de apresentar trabalhos no CBOT.

Pôster de divulgação do XI CBOT, realizado em Porto Alegre

Este depoimento de Barros Lima, um dos fundadores da SBOT, expressa a preocupação da época com as fronteiras da especialidade (reproduzida aqui a grafia original): “Vejam os com um exemplo que de perto me toca: sendo Prof. de Clínica Cirúrgica eu não poderia almejar, para mim ou para meus auxiliares, relatar jamais um tema na SBOT; só Serviços com rótulo de Ortopédicos (e exclusivamente tal) ou traumatológicos poderiam merecê-lo e isto daria, no meu caso particular, o paradoxo de ver-me impossibilitado de almejar uma coisa a que teria direito incontestemente, porque o Estatuto da Sociedade a que pertencço não faz esta diferenciação, e porque o órgão Executivo que é a C.E. reconheceu-me, segundo o ofício que V. me transmitiu, a situação de ‘Chefe da Escola de Ortopedia do Norte do Brasil’ Não falo, entretanto, por mim; tenho uma satisfação privilegiada (...) que não me permite temer essas restrições e, ademais, sou bastante velho para dar importância à atitudes dessa ordem. Falo por uma soma de sócios que nem ao menos professores de Cirurgia são...”

Barros Lima era um representante e um grande consolidador da ortopedia na Região Norte do Brasil, e seus pedidos de demissão dos quadros da SBOT sempre geraram polêmica e falatório entre os membros. Os CBOTs foram, aos poucos se deslocando para o eixo Sul e Sudeste do país, onde de fato foram se estabelecendo muitos Serviços de Treinamento.

Ao final desse período, o que ficou estabelecido — em grande parte pela influência de Francisco Domingos Define, que foi presidente da SBOT entre 1957 e 1958 e dos CBOTs de 1940 (o IV) e 1958 (o XII), era chefe do Pavilhão Fernandinho Simonsen desde a morte de Puech e foi professor titular da Escola Paulista de Medicina. Define defendia rigor na admissão de novos sócios, dada a projeção da SBOT na época, e exigia o cumprimento do estatuto, que estabelecia que um pretendente a sócio devesse ter exercido a prática ortopédica ou traumatológica por no mínimo três anos para ser admitido como sócio.





Bambu era o acessório para dar aulas
no CBOT em 1958

Dos 40 sócios fundadores, a SBOT, em 1973, já havia crescido para 1.291 sócios registrados. A verba para realização dos congressos vinha, principalmente, das anuidades pagas (muitas vezes, com grande atraso) por esses sócios, com pouquíssimos recursos oriundos de patrocínio da indústria e grande dificuldade de repasse de valores das Regionais para a SBOT Nacional. A esta altura, a SBOT já tinha uma Regional no Rio de Janeiro, outra em São Paulo e a de Pernambuco (todas fundadas em 1936, portanto somente um ano após a fundação da SBOT nacional), a Regional do Rio Grande do Sul (1939), a Regional de Minas Gerais (1958). Antes do vigésimo CBOT, ainda foram criadas as Regionais de Goiás (1965), Bahia e Brasília (ambas em 1967), além do Paraná (1964), Ceará (1965), Pará, Espírito Santo e Santa Catarina (todas em 1969). E embora houvesse a obrigação estatutária de que as Regionais promovessem reuniões científicas periódicas, que eram depois relatadas em atas e enviadas aos sócios, na verdade o maior intercâmbio científico, entre os mais reconhecidos especialistas, ocorria no congresso nacional.

Sir Professor John Charnley, criador da artroplastia total de quadril, em elegante terno e depois muito à vontade num jantar do CBOT em 1958



XIII Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia

A VARIG sente-se na obrigação de trazer ao conhecimento das autoridades e do público que, por uma falha de ordem técnica, deixou de transportar parte dos Congressistas que participariam da sessão inaugural do XIII Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia e que, por este motivo, deixou de realizar-se em Brasília, sob a presidência de honra do Exmo. Sr. Presidente da República e Ministros de Estado. Lamentando o ocorrido, tomou desde logo tôdas as providências necessárias para apurar o fato e se responsabilizando pelos gastos dos Congressistas do Rio. 34619

Nessa época, reuniam-se em torno de 200 sócios no CBOT, com apresentação de 50 trabalhos em média. Conforme descrito no livro dos 40 Congressos, um tema oficial era apresentado em 40 minutos, uma conferência em 30, um simpósio em 20 minutos — tempos que cresceram, no final da década de 1970, para 120 ou 160 minutos de duração de conferência. Temas livres (já inscritos às centenas) tinham de “caber” em 10 minutos de apresentação, com no máximo cinco disponíveis para comentários — e muitas vezes havia desistência de apresentação de temas livres e uma “fila de espera” para reposição. A organização dos eventos passava, então, a ganhar um formato muito peculiar aos CBOTs, e mais parecido com o que vemos hoje.

A realização do CBOT simultaneamente no Rio de Janeiro e na recém-inaugurada Brasília teve logística desafiadora, como mostra o anúncio publicado sobre a falha de transporte dos congressistas e palestrantes

Grande animação no jantar do vigésimo CBOT no Rio de Janeiro, em 1975



Capítulo 3

Do XXI ao XXX CBOT: profissionalização

**SBOT melhora planejamento e
infraestrutura dos congressos**

Numa tendência já apontada no XVI CBOT, em que se realizou uma enquete entre os congressistas, surgia a necessidade de maior profissionalização da organização do evento. Os especialistas pediam tradução simultânea de conferências, rigor no controle de tempo das apresentações (para que se pudesse assistir a tudo), organização dos congressos com temas oficiais. Já havia uma empresa contratada para a organização do evento, encarregada de fazer contratos publicitários, captar recursos (inclusive do Ministério da Saúde), divulgar a reunião, reservar acomodações nos hotéis e as viagens dos conferencistas internacionais, além de outras atribuições. Começavam a se balancear os recursos obtidos com inscrições e com venda de estandes a expositores — e a lista de expositores incluía, na década de 1970, laboratórios, bancos, clubes, fabricantes de instrumentos e equipamentos, órgãos do governo, companhias aéreas. Foram criadas comissões: de Inscrição, Recepção e Hospedagem, de Finanças, de Relações Públicas, Social, de Exposições, Científica e até Social (sob encargo das “senhoras” dos congressistas — embora já se registrassem apresentações de umas poucas mulheres no CBOT).

O presidente da SBOT em 1977, Márcio Ibrahim, entrega diploma durante o CBOT



A ortopedia se espalhava cada vez mais pelo Brasil, e isso se refletia no CBOT. O tema “Ensino da Ortopedia” passava a ser recorrente nos eventos, com discussões sobre título de especialista, treinamento de residentes, cadastramento de serviços. Jornadas regionais atraíam os jovens para a SBOT. No XXII CBOT, foi criada a Comissão de Educação Continuada (CEC), em reforma estatutária feita em assembleia. O número de congressistas crescia, obrigando a instituição de crachá de identificação e observação rígida dos horários, para cumprimento de grades de apresentações distribuídas em várias salas simultâneas. No XXI CBOT, o congressista já era obrigado a escolher o que assistir.

A infraestrutura também já era diferente: ingresso controlado nas salas, tradução simultânea (com fones de ouvido), secretaria, agência de turismo oficial, ponto de encontro social, área de exposições, e até uma “central de diapositivos”. Um boletim informativo diário comunicava mudanças no programa científico ou social. Tudo impresso, nada com auxílio de computadores. O XXII CBOT foi realizado no Palácio de Convenções do Anhembi, em São Paulo, em 1979, que dispunha na época de seis salas, com capacidade de 100 a 200 pessoas cada, e um auditório para 2.200 pessoas. Esses números dão a ideia do porte assumido pelos CBOTs.

A partir do XXII, conforme descrito no livro dos 40 Congressos, termina “o relato da realização dos congressos da SBOT pelo ortopedista Antonio Bruno da Silva Maia. Seu livro, de publicação póstuma, saiu em 1986 trazendo importante resgate histórico sobre a Ortopedia Brasileira e mencionava inclusive as reuniões e assembleias realizadas entre um e outro congresso, o que também era registrado em atas. Bruno Maia foi homenageado por vários colegas e presidentes da SBOT pelo seu enorme esforço de reunir tantas informações. A partir de 1982, o resgate histórico dos congressos da SBOT passa então a se basear apenas nos programas científicos, alguns documentos internos e em publicações da época, além de registros fotográficos — sem o precioso comentário do especialista que viveu todos aqueles eventos. Em 15 anos, a SBOT teve sua sede transferida de endereço três vezes, o que dificultou o arquivamento e catalogação de materiais de registro histórico, como os programas científicos dos congressos.” Essa é uma época de difícil resgate, porque já não havia os relatos manuscritos, mas também não há banco de dados digital disponível. A SBOT adquiriu seu primeiro computador em 1985, para cadastro de sócios, e ainda assim, a maioria dos arquivos digitais se perdeu. No CBOT XXVI, por exemplo, realizado em 1988, os resumos dos temas livres eram apresentados nos programas como cópias das fichas de inscrição datilografadas — a digitação e formatação uniformizada só viria de 1990 em diante.

Os programas impressos dos congressos são os documentos disponíveis para relatar essa história, e eles mostram a estrutura tradicional dos CBOTs, organizados em cursos, conferências, temas oficiais, mesas redondas e mesas informais. As centenas de temas livres inscritos já obrigavam seu agrupamento por temas em cada sala, com um especialista comentar. E alguns poucos relatos orais, como o de Luiz Carlos Sobania, dão algum colorido a essa vivência da SBOT: “Realizar um congresso em Curitiba era complicado pela falta de espaços adequados”, revela este veterano da SBOT, que presidiu o XXX CBOT, na capital paranaense. “No CBOT de 1973 fez frio de zero grau. No de 1996, precisamos entregar guarda-chuvas junto com a pasta para os congressistas, para que eles pudessem se deslocar a pé de um pavilhão a outro, pela rua”, relembra. Naquele ano, o CBOT foi realizado em três lugares próximos uns dos outros.

O congressista tinha que andar! As subespecialidades se consolidavam cada vez mais, inclusive com a criação oficial do Dia da Especialidade, no XXVII. Ao agrupar programações de temas semelhantes numa mesma sala, o CBOT facilitava a vida do subespecialista. Eram 11: ombro, joelho, coluna, infantil, pé, tumores, trauma, fixadores, mão, cotovelo e quadril. A SBOT aprovava cerca de 200 novos especialistas no TEOT (Título de Especialista em Ortopedia e Traumatologia) por ano. O CBOT XXX teve cerca de 3.500 participantes, num intenso crescimento que obrigava maior organização.



Manlio Napoli na platéia do XXVI
CBOT em Brasília, em 1988

A informatização da secretaria, consolidada entre 1991 e 1992, permitiu a criação do primeiro banco de dados de ortopedistas brasileiros, a partir do número do TEOT, possibilitando melhor cobrança das anuidades: uma medida importantíssima dada a escassez de recursos da época. O XXVII CBOT havia sido realizado em 1990, em época de enorme instabilidade econômica e política: aquele foi o ano em que o Plano Collor I confiscou todos os ativos acima do equivalente a U\$ 1,3 mil, de todos os brasileiros e organizações, inclusive a SBOT. Apesar da conjuntura recessiva e delicada, pós-impeachment do presidente Fernando Collor, o CBOT XVIII — ou “CBOT 28”, como começava a aparecer em alguns documentos — foi realizado num grande Centro de Convenções, o Anhembi, embora com programa social mais modesto.

Entre dezembro de 1996 e janeiro de 1997, foram publicadas no Jornal da SBOT as novas “Normas de organização de eventos”: entre elas, a de que o Congresso Brasileiro deveria passar a ser realizado sempre em novembro e isolado de outros eventos da SBOT, três meses antes e dois meses depois. As novas normas, assinadas por Luiz Carlos Sobania, Manlio Napoli, Marcos Musafir e Walter Manna Albertoni, em 13 de julho de 1997, formariam uma importante base para o planejamento e organização dos 10 CBOTs que viriam entre os anos de 1998 e 2008.

Normas de organização de eventos

I — Considerações Gerais

Dentre os eventos científicos da Ortopedia Nacional, o de maior importância é o Congresso da SBOT, daí ser destaque nestas normas e todos os demais eventos devem segui-las.

1. O Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia segundo os Estatutos da SBOT deverá ter sua sede escolhida pela Comissão Executiva dentre as cidades apresentadas pelas Regionais com 4 anos de antecedência, e o Presidente e o Vice-Presidente escolhidos pelo Presidente da SBOT, à época do Congresso.
2. A programação científica do Congresso Brasileiro deverá ter como objetivo as necessidades da especialidade, no momento, no país. Nos eventos regionais, as prioridades serão da especialidade na região. Estas informações serão fornecidas por solicitação escrita e respondidas por escrito pela CET e pela CEC.
3. Convidados estrangeiros, da Comissão Organizadora, serão em número de um para cada tema Oficial e um convidado para a área de Ciências Básicas. Outros estrangeiros seriam da responsabilidade de cada Comitê, se houver interesse e condições de patrocínio, podendo participar em outras atividades, durante o Congresso. Dentro de um planejamento criterioso e com muita antecedência, os estrangeiros poderão visitar Serviços no pós-Congresso.
4. Considerando o grande número de ortopedistas do eixo Rio-São Paulo, bem como as facilidades de promoção de eventos científicos nestas duas cidades, quer para as empresas, quer em infra-estrutura, ou facilidade, a Sede do Congresso será sempre alternada: Rio, outro local, São Paulo, outro local, Rio, outro local, São Paulo, e assim por diante, em cidades que tenham centro de convenções adequado.
5. O Congresso Brasileiro deverá ser realizado sempre no mês de novembro, e nenhum evento científico da SBOT poderá ser agendado para o período de três meses anteriores e dos meses posteriores ao Congresso Brasileiro, devendo preferencialmente serem realizados no 1º semestre.
6. Os temas oficiais de cada Congresso constituem a base de um trabalho prospectivo, que será encomendado a pelo menos três Serviços no país, para cada Tema, com antecedência de três anos. Serão entre três e quatro os temas oficiais.
7. Um dos temas oficiais fará parte de uma ampla “Campanha Pública” de divulgação à população.
8. Os temas livres deverão ser o ponto alto do Congresso! Todos os trabalhos apresentados serão valorizados e entregues completos, como para publicação. Assim serão melhor comentados, possibilitando também um prévio julgamento dos melhores trabalhos.
9. A Comissão Julgadora dos melhores trabalhos será determinada pela CEC e pela Comissão Organizadora do Congresso.
10. A escolha dos Cursos obedecerá orientações da CET e CEC e estes serão organizados e ministrados pelos Comitês das Especialidades, que deverão entregar a Programação com 120 dias de antecedência, já completa e confirmada.
11. O presidente do Congresso e a Comissão Organizadora serão administrativa e tecnicamente subordinados às Comissões Permanentes da SBOT, CEC, CET e ao presidente da SBOT. A Tesouraria da SBOT acompanhará todos os passos financeiros via relatórios trimestrais de cada Congresso e oferecerá ajuda financeira inicial, que será ressarcida ao final do evento. Cria-se o FUNDO ESPECIAL PARA CONGRESSOS DA SBOT, no valor de 10% do lucro líquido do Congresso Brasileiro.
12. Recomendações para a Comissão Científica:
 - a) Iniciar os trabalhos para o evento com 3 anos de antecedência. Documentar os contatos com os especialistas brasileiros e estrangeiros, tendo o cuidado de convidar para os temas oficiais do Congresso, expoentes em cada tema; evitar, se possível, repetir nomes que tenham vindo recentemente.
 - b) Incluir entre os convidados, especialistas brasileiros que estejam se sobressaindo nas várias subespecialidades, através de teses, trabalhos publicados, participação em congressos internacionais nos quais compareceram como convidados.
 - c) Montar um programa equilibrado, deixando espaço livre para que os participantes tenham tempo para troca de ideias, de conhecimentos, sobre defesa profissional e programação social.
 - d) Atender às orientações da CET quanto aos interesses científicos dos sócios da SBOT, organizando cursos, mesas, simpósios, com ênfase nos assuntos que os novos ortopedistas necessitam conhecer para que se alcance a desejada uniformização de conhecimentos entre todos os ortopedistas das várias regiões do país.

Luiz C. Sobania, Manlio Napolí, Marcos Musafir, Walter Albertoni
Rio de Janeiro, 13/07/96

Capítulo 4

Do XXXI ao 40: A era da velocidade

**Presidência da SBOT passa a ter
mandato de um ano**



Reuniões executivas da SBOT sempre acontecem antes da abertura dos CBOTs, e nelas muitas decisões estratégicas são ratificadas

A evolução se acelerava. O ritmo das mudanças na SBOT e no CBOT se acentuou na era a partir do XXXI CBOT. A começar por uma decisão, tomada durante o congresso de Goiânia, em 1998, que mudou o rumo da SBOT: a partir de 2001, os presidentes da Sociedade teriam mandato de um ano somente. Além disso, dois vice-presidentes seriam eleitos junto com ele, participando da diretoria por dois anos para assumir a presidência depois. Esta medida foi tomada para promover o envolvimento direto dos presidentes seguintes na diretoria da SBOT, incluindo suas dificuldades, enfrentamentos políticos e soluções. Uma espécie de “estágio”.

Também ficou estabelecido, em reforma estatutária, que os congressos nacionais aconteceriam anualmente. O local de realização seria decidido três anos antes, o que oferece tempo maior para negociações de espaço e planejamento científico. Desta forma, os presidentes eleitos — agora por votação por correspondência, possibilitando a participação de sócios ausentes no CBOT — podiam atuar na organização dos congressos com antecedência. Essa norma é válida até hoje — e permite até que este livro tenha um último capítulo sobre um congresso que acontecerá em 2019, em Fortaleza. Quando termina um evento, a organização do próximo já começou. Por outro lado, o congresso foi compactado em quatro dias: considerando que os eventos passariam a ser anuais, foi possível iniciar na quarta-feira e terminar no sábado, diminuindo o tempo em que o ortopedista fica longe do consultório e do centro cirúrgico.

A programação científica passou a ser organizada de uma forma que fosse previsível pelo congressista: iniciando sempre com um curso pela manhã, em todas as salas, simultaneamente — a escolha se dá pela subespecialidade. As conferências internacionais aconteciam num horário predeterminado, todos os dias, e havia outro horário específico para temas livres. E as reuniões da SBOT e assembleias também passaram a ser previstas no programa científico, de forma a estimular a participação do sócio.

A participação do sócio nas atividades da SBOT, aliás, passou a ser cada vez maior, devido a uma demanda deles por ações de defesa profissional. Passaram a ser programadas apresentações e discussões a respeito de remunerações, condições de trabalho, segurança, ética.

A SBOT já contava com quase 7 mil sócios no final dos anos 1990, e 8 mil em 2001, e tinha o CBOT como sua segunda maior fonte de receitas (a primeira ainda sendo as anuidades). Tamanha assistência atraía cada vez mais o interesse da indústria, que realizava promoções que enchiam as plateias do CBOT. Um intervalo para almoço maior permitia que os congressistas passassem mais tempo na área de exposições. Os congressos desse bloco alternavam um número de participantes maior quando o evento ocorria no eixo Rio-São Paulo e um pouco menos (em torno de 3 mil ou 3,5 mil participantes) quando ocorria em cidades fora do eixo, o que revelava uma proporcionalidade em relação ao número de especialistas em cada região. Estimular a inscrição de mais congressistas significava providenciar vagas em hotéis e transporte em regiões às vezes não preparadas para tanta demanda: esse foi um aprendizado nos CBOTs dessa época. Os organizadores precisavam encontrar, muitas vezes, soluções de última hora.

Jantar de confraternização do CBOT 37 — em alguns materiais oficiais, ainda registrado como XXXVII CBOT



O mesmo vale para o processo de trazer conferencistas estrangeiros. O número de palestrantes internacionais vinha caindo desde 2001, quando do ataque terrorista às torres gêmeas em Nova York: naquele ano, todos os conferencistas norte-americanos e europeus cancelaram suas vindas ao Brasil, e tiveram de ser substituídos por brasileiros. No CBOT de 2002, foram 13 estrangeiros e no de 2003, ainda menos: apenas 8. Em 2004, o número de conferências internacionais confirmadas saltou para 42, mas a Comissão Científica, ao mesmo tempo, estabeleceu novos critérios para seleção de palestrantes brasileiros no congresso: não ter proferido palestra nos últimos dois CBOTs, preferência para membros recertificados (o programa de recertificação do Título de Especialista da SBOT havia iniciado alguns anos antes) e de diferentes regiões do país.

A alternância das regiões e a programação antecipada faz com que o sócio da SBOT possa planejar de qual CBOT prefere participar — caso não possa comparecer anualmente, claro. O número de inscritos foi crescendo, na década, ao limite da capacidade de acolhimento em cada centro. Mais uma vez em São Paulo, o CBOT realizado em 2007 teve mais de 6 mil inscritos, e inspirou uma reunião pós-congresso justamente sobre os erros e acertos na organização — em preparação para o quadragésimo CBOT, que iria a Porto Alegre. Um hábito que se consolidou na SBOT: avaliar para melhorar. A avaliação que se fez posteriormente, no livro 40 Congressos, foi de que “40 edições do CBOT compõem um rico exemplo de aperfeiçoamento de um produto, tal como acontece na indústria, na agricultura, nas artes”. O CBOT gaúcho teve mais de 4 mil inscrições feitas previamente — um acerto na divulgação e facilitação da inscrição eletrônica, evitando filas e seguindo bons exemplos internacionais.

O “Almoço das Ortopedistas no CBOT” é uma tradição que iniciou em 2005, em Vitória: o número de cirurgiãs afiliadas à SBOT cresce a cada ano



A forte internacionalização e a presença de cada vez mais palestrantes tanto estrangeiros como brasileiros (pelo maior número de apresentações) obrigou a SBOT a iniciar a discussão sobre conflitos de interesse dos conferencistas, o chamado “*regulatory compliance*”, ou um conjunto de regras estabelecidas pelas organizações para assegurar a ética e o cumprimento de leis e normas locais. No caso de eventos médicos, especificamente para evitar que o relacionamento com a indústria de fármacos ou dispositivos (como próteses, órteses e material de síntese) provoque desvios de conduta ou vieses de exposição científica. Ao se inscrever para apresentar trabalhos no quadragésimo CBOT, o palestrante assinou termo declarando não ter ou descrevendo qual o conflito de interesse presente, por exemplo: honorários recebidos de indústria por consultorias ou serviços, relação com fabricante de prótese, autoria de livro sobre o assunto abordado na palestra, despesas de viagem pagas por patrocinador etc.

E assim, o CBOT se preparou para a entrada numa nova era de eventos científicos, de agora em diante lembrada pelo relato verbal de seus presidentes aos organizadores desta obra. São alguns destaques dos próximos capítulos: o crescimento em escala contrapondo-se à crise econômica mundial, obrigando os presidentes a encontrar soluções criativas para organizar os congressos, enfrentando as dificuldades com infraestrutura com um planejamento baseado em experiências passadas; a cada vez maior integração da SBOT com entidades internacionais, possibilitando rica troca de experiências e a atração de especialistas de países vizinhos; a presença cada vez maior dos temas das campanhas públicas da SBOT no CBOT (iniciando com a Violência contra a Criança e consolidando a Casa Segura como item obrigatório), o estímulo aos jovens cientistas e acadêmicos; a experiência com formatos inovadores, como a arena.



O CBOT de 2008, realizado em Porto Alegre, ficou conhecido como o CBOTchê e fechou uma era de 40 congressos brasileiros

Renovando tradições:
Manlio Nápoli ainda
prestigiando os
CBOTs, Osvandré
Lech, presidente do
congresso, e seu
filho Leonardo, hoje
estudante de medicina.



Capítulo 5

O 41º CBOT: lucratividade

**Congresso rende mesmo
em tempos de crise**

Os CBOTs começavam a crescer em escala, além da importância científica — ainda que se estivesse numa época de crise financeira mundial, que levou à quebra de vários bancos e grandes empresas e que ficou conhecida como “Crise da Bolha Imobiliária dos Estados Unidos”. O 41º CBOT ocupou o maior espaço até então locado por um congresso de Ortopedia: 18.000 metros de dois pavilhões do Riocentro, no Rio de Janeiro (RJ). “Foi uma decisão arrojada”, lembra o presidente do evento, Renato Brito de Alencastro Graça. A ousadia dos organizadores, porém, foi premiada: a JZ Eventos fez um trabalho intenso e conseguiu locar toda a área disponível, e a arrecadação da venda dos estandes somada às inscrições resultou em quatro milhões de dólares (que hoje corresponderiam a R\$ 14 milhões de reais), uma das maiores rendas da história dos CBOTs.



Cláudio Santili e Romeu Krause na passagem do medalhão da presidência da SBOT

Iniciado no último dia de outubro de 2009, o congresso foi precedido de um pré-congresso realizado na véspera, no Windsor Barra. As atividades científicas, coordenadas por Alexandre Fogaça Cristante e pela CEC, tiveram lugar em 13 auditórios, um para cada subespecialidade. Diretores da SBOT Rio de Janeiro, entre os quais Frederico Genuíno e Marcos Britto, integraram a comissão. Centenas de ortopedistas brasileiros mostraram seus trabalhos aos mais de 5 mil congressistas, em palestras, conferências, temas livres e outras atividades que totalizaram 1.160 apresentações no pavilhão exclusivamente reservado para as atividades científicas.

Os convidados estrangeiros foram 38, destacando-se Michael Baumgaertner, renomado traumatologista norte-americano, o convidado de honra do congresso. Outros eventos científicos internacionais aconteceram paralelamente ao CBOT, destacando-se o “Global Forum on Trauma Care”, da Organização Mundial de Saúde (OMS), o “IV Current Concepts on Polytrauma”, o “Simposio de la SLAOT” e “American Fracture Association Symposium”, colaborando para que a comunidade ortopédica mundial tivesse os olhos postos no Brasil.



Parelalamente à grade científica, a programação social do congresso, a cargo de Regina Diniz, Zenite Franco, Silvia Britto, Eliana Genuíno e Solange Musafir, começou com o Jantar do Presidente, na Vila Riso, no qual, ao contrário dos anos anteriores, o acesso foi aberto a todos os congressistas, que podiam comprar o ingresso. Na cerimônia de abertura do congresso, foi apresentado um espetáculo de dança moderna da equipe de Jaime Aroxa, cujo tema foi “A História da Música do Rio de Janeiro”. O ponto alto do programa social foi a Festa do Ortopedista no Metropolitan Rio, onde 3 mil convidados acompanharam um inesquecível show de Jorge Benjor, que entrou pela madrugada e entusiasmou principalmente os muitos convidados estrangeiros.

Acompanhantes dos congressistas foram contempladas com um vasto programa social e tiveram um espaço exclusivo no Windsor Barra, o “Espaço Mulher Carioca”, onde puderam ver exposições, participar de sorteios e assistir a palestras sobre moda e culinária. Durante o CBOT, a bateria da Escola de Samba Mangueira, a Orquestra Tabajara e o grupo Receita de Choro também se apresentaram para o público feminino.

Durante o congresso foram sorteados quatro automóveis entre os congressistas e uma generosa contribuição foi feita ao projeto social NACE (Núcleo de Arte, Cultura e Esporte), que o entregou a um asilo da cidade.

Para completar o CBOT, o Espaço Memória resgatou um pouco a história da sociedade, numa mostra com objetos significativos e que também incluiu uma galeria de fotos dos presidentes da SBOT.

Abertura do “Espaço Memória SBOT” durante o congresso com presença dos presidentes da SBOT





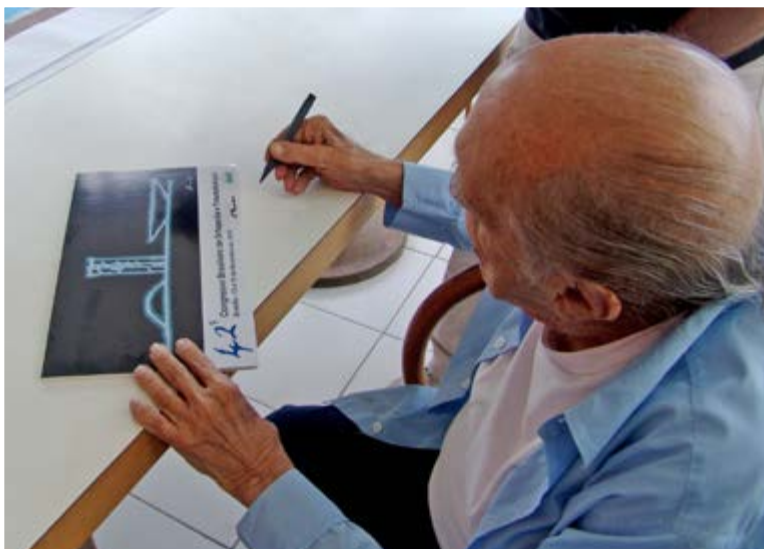
Jorge Ben Jor
brindou os
ortopedistas com
o show memorável



Capítulo 6

O CBOT 42: logotipo de Niemeyer

De volta à capital nacional



Oscar Niemeyer desenhou
logotipo do congresso
inspirado por radiografias
do próprio quadril

Recém-operado do quadril, Oscar Niemeyer estava tão impressionado com as radiografias do próprio fêmur, que desenhou a logomarca do CBOT de 2010, como se fosse uma chapa radiográfica do prédio do Congresso Nacional. É que o evento foi em Brasília, durante o 50º aniversário da cidade. “Ficou tão bonito, que recebemos sugestões de usar o desenho como logotipo da própria SBOT”, conta Paulo Lobo, que presidiu o Congresso. Ele lembra que conseguiu o desenho graças ao apoio de um patrocinador. “O Aché queria que Niemeyer desenhasse seu estande como forma de homenagear o cinquentenário, me pôs em contato com o arquiteto e abracei a oportunidade para pedir a logomarca; deu certo”.

“A parte científica foi impecável e com a presença dos grandes nomes mundiais da Ortopedia”, recorda Paulo Lobo. Além dos três convidados internacionais da própria SBOT, os Comitês trouxeram referências importantes, e o congresso recebeu toda a Diretoria da European Federation of National Associations of Orthopedics and Traumatology (EFORT), cuja contribuição científica foi inestimável. Além dos Simpósios patrocinados, muito importantes, foi realizado um Curso de Fisioterapia dentro do Congresso, que foi na época possível graças ao tamanho e às condições do Centro de Convenções Ulysses Guimarães para eventos de grande porte.

Freddie Fu, especialista em ortopedia do esporte, foi recebido com toda honraria por Paulo Lobo



A organização exigiu muito trabalho da equipe, que se dedicou à preparação do evento por quatro anos, com imersão praticamente total no último ano. O trabalho só não foi mais difícil devido à experiência anterior: Paulo Lobo, que tinha muita vivência associativa — presidente que foi da Comissão de Interatividade Social da SBOT —, tinha várias relações no governo, pois coordenara os serviços de Ortopedia da Secretaria de Saúde do Distrito Federal e presidira, também em Brasília, o 3º Congresso Brasileiro de Traumatologia Desportiva.

“Tivemos também uma das maiores exposições acompanhando o Congresso”, revela o presidente do CBOT, com destaque para a Casa Segura, desenvolvida por Laura Raquel e que fizera tanto sucesso em Curitiba. “Aprimoramos o projeto desenvolvido para dar total segurança aos idosos, e o levamos a Brasília”, relata. “As camas ficavam na altura ideal, os pisos eram antiderrapantes, não havia quinas que pudessem ferir o idoso e havia corrimão de apoio em vários pontos”.



Show de Paralamas do Sucesso, com Herbert Vianna





Lídio Toledo Filho, até então o único ortopedista no mundo a operar de uma cadeira de rodas, veio palestrar no CBOT em 2011

O 42º CBOT teve quase 5.000 ortopedistas inscritos, 1.800 pessoas entre expositores, recepcionistas e pessoal de apoio e 450 congressistas compareceram acompanhados, pois o programa social “era imperdível”, segundo Lobo. Foram feitos *tours* por Brasília, à Casa Cor, curso sobre vinhos e visita à Embaixada da Itália (uma referência em arquitetura sustentável, projeto de Pier Luigi Nervi), onde a recepção coube ao próprio embaixador e embaixatriz. As acompanhantes dos congressistas tiveram também oportunidade de grandes compras.

Conforme relembra Paulo Lobo, era um tempo de “vacas gordas”, porque as grandes promoções ainda eram permitidas, tanto que “sorteamos um automóvel entre os 3 mil presentes na festa de abertura e outro na solenidade de encerramento”. Nem só os laboratórios estavam presentes, pois considerando que o ortopedista é um consumidor diferenciado, concessionárias de automóvel também compraram estandes e conseguiram vender carros durante o evento, e até imobiliárias estavam presentes.

Capítulo 7

O CBOT 43: tradição do Pavilhão

**Coincidência dos 80 anos do
Fernandinho Simonsen**

Quando o professor Osmar Avanzi foi indicado para presidente do 43º CBOT e verificou que o congresso coincidiria com o 80º aniversário do Pavilhão Fernandinho Simonsen, da Santa Casa de São Paulo, resolveu ligar os eventos. Afinal, o “Fernandinho” foi uma espécie de *cellula mater* da Ortopedia no Brasil. Criado em 1931, precedeu até mesmo a criação da SBOT, e foi em suas instalações que a SBOT foi fundada, em 1935.

Avanzi reuniu os professores do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), da Escola Paulista de Medicina (EPM) e da própria Santa Casa, e explicou que o CBOT teria que ser memorável. De acordo com Avanzi, apesar do sacrifício representado por uma grande carga de trabalho e incontáveis reuniões, os paulistas de fato conseguiram fazer um evento à altura do que tinham sonhado. “O trabalho foi intenso”, relembra. Como o Fernandinho foi dirigido inicialmente por Luiz Rezende Puech, que trouxe para o Brasil o que aprendeu com Vittorio Putti, na Itália, e começou a difusão da Ortopedia em São Paulo e depois nos demais Estados, uma exposição de fotos sobre o evento e a evolução da Ortopedia no País foi montada, resgatando cuidadosamente a história da especialidade.

Um exemplo dos desafios enfrentados na organização do congresso foi com o logotipo. Inicialmente, o logo do 43º CBOT foi idealizado como uma bandeira estilizada do Brasil semicoberta pela bandeira de São Paulo. O problema é que alguém lembrou que, no passado, era proibido o uso da bandeira a não ser que devidamente analisado e autorizado. Até se comprovar que a restrição já não era válida, foi necessário pesquisar, fazer demoradas consultas e cobrar respostas. Só então o belo logotipo passou a ser aplicado nas pastas, nos banners, em toda a área do congresso.



Professores das principais faculdades de medicina de São Paulo uniram esforços para organizar o CBOT



O presidente do congresso, Osmar Avanzi, abre o evento conforme o combinado com os colegas para o dia: usando a camiseta de seu time

Como professor, e tendo presidido a pós-graduação na Santa Casa, Avanzi privilegia o ensino e difusão do conhecimento no CBOT, e por isso instituiu o Prêmio Jovem Cientista, para laurear os melhores temas livres. Isso justamente numa época em que começavam a aparecer os primeiros e promissores trabalhos sobre células-tronco e a pesquisa brasileira já apresentava nível internacional. Com o apoio do CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e “o incrível trabalho da Revista Brasileira de Ortopedia”, diz Avanzi, “os jovens pesquisadores conquistaram espaço e reconhecimento e, para esses jovens, era extremamente gratificante poder mostrar e discutir seus trabalhos com alguns dos mais importantes especialistas do Brasil e do mundo”.

O CBOT foi realizado no espaço Transamérica e, conforme relembra Avanzi, entre palestrantes, congressistas, expositores e prestadores de serviços, movimentou mais de 7 mil pessoas. O grande número de congressistas — houve desconto para quem estava quite com a SBOT — exigiu muito trabalho de logística para levar os convidados primeiro à Sala São Paulo, para uma inesquecível apresentação da Filarmônica, e depois para o jantar, oferecido no Hotel Hyatt. A organização do 43º CBOT envolveu, além da equipe local, de 17 voluntários, o próprio presidente da SBOT, Osvandré Lech, e a Comissão Científica, através de Roberto Santin. “Mas valeu a pena e os convidados estrangeiros ficaram muito impressionados com a riqueza cultural do evento”, relembra Avanzi. “Sendo em São Paulo, apresentamos a história do café; a circulação era feita entre sacas de café, fotografias dos cafezais, dos terreiros, das fazendas”, os vários tipos da rubiácea podiam ser estudados e degustados e o organizador diz que, depois do CBOT, tem certeza que “para muita gente o cafezinho passou a ter outro sabor e hoje é apreciado com muito respeito”.



Jiri Dvorak, à época
médico chefe da FIFA,
esteve no CBOT para
lançar o programa “11+”,
com medidas para evitar
lesões do esporte na
Copa do Mundo que
viria em 2014. A SBOT
apoiou o programa



Dentro da programação social, Rui Othake palestrou sobre a rica arquitetura de São Paulo e foram oferecidas visitas pelo Palácio dos Bandeirantes, pelo Mosteiro da Luz, pelo Museu da Casa Brasileira e pelo Mosteiro de São Bento, com o mais importante órgão do País. Essa programação cultural do CBOT ficou a cargo de Mariza Avanzi, que ainda levou as acompanhantes dos congressistas, impressionadíssimas, por uma visita à rua Oscar Freire, com direito a um destile de modas e coquetel especialmente oferecidos pelas lojas.

Passados vários anos, Avanzi ainda se emociona ao lembrar que o 43º CBOT teve várias facetas: histórica, científica, cultural e especialmente educacional, a que mais lhe é cara. “É que, na realidade, o jovem médico que adentra pela primeira vez um congresso desse nível tem uma visão privilegiada do futuro que a profissão lhe oferece”. Por outro lado, o ortopedista do interior, que se esfalta no dia a dia, sem tempo para acompanhar a evolução do conhecimento, aprende no CBOT o que acontece de novo no mundo, o que é efetivamente importante e também quais as expectativas que não se cumpriram, “pois o CBOT é uma verdadeira triagem do que é efetivamente importante em Ortopedia”, afirma Avanzi. Essa difusão do novo conhecimento, essa confraternização da verdadeira família representada pela Ortopedia, como diz Osvandré Lech, essa é a missão que o congresso anual consegue cumprir.

Tradição de anunciar o próximo congresso com um estande: neste caso, o CBOT seguinte seria realizado em Salvador



Capítulo 8

44º CBOT: o sol de Salvador

**Turismo e ciência: atrativos para a
capital baiana**

A equipe de Adalberto Visco começou a trabalhar em 2009 na preparação do 44º CBOT, que foi realizado em 2012. “E não foi só a equipe da Bahia que trabalhou”, lembra ele, “tivemos a ajuda inestimável do então presidente da SBOT, Geraldo Motta, do presidente da CET, João Maurício Barretto, e do presidente da Comissão Científica, Romeu Krause. “Valeu muito a pena todo o trabalho prévio, quando as inscrições começaram a se multiplicar, chegando a 3.500, sem contar os acompanhantes”, relembra Visco, pois dada a fama de belezas naturais e a infraestrutura para o turismo, grande número de ortopedistas viajaram com as famílias, que curtiram umas pequenas férias em Salvador. A comissão local, integrada por médicos voluntários, foi de grande eficiência, recorda o presidente do evento, que contou com a imensa boa vontade, dedicação e trabalho árduo de colegas como Luiz Alfredo Gomes Vieira, Nicolas Gerardo Gomes Cordero, Luiz Schiper, Antonio Marcos Ferracini, Guillermo Hernandez Tierno e Luiz Alfredo Gomez Vieira, entre muitos outros.

Especialista fala sobre a importância dos exercícios físicos

BAIXE INFORMAÇÕES

 Tweetar 0

 +1 0



Presidente do congresso, Adalberto Visco, deu entrevista para a TV Globo



Apresentação do Protocolo Cirurgia Segura, por José Júlio do Rêgo Monteiro e outros palestrantes



Ainda que o turismo seja um grande atrativo, a realização de grandes congressos em áreas fora do eixo Rio-São Paulo é particularmente complicada pela falta de infraestrutura. O 44º CBOT foi realizado no Centro de Convenções da Bahia. Como o Centro de Convenções era longe dos bairros onde se concentrava a rede hoteleira, uma das preocupações principais foi planejar as linhas de ônibus que pegavam os congressistas nos vários hotéis em que se alojariam, calcular a demanda esperada e montar a tabela de horários. O evento foi realizado em 2012. Em 2015, foi interditado por falta de segurança e constatou-se também falta de manutenção dos tirantes de aço que sustentavam estruturas da fachada, bastante corroídos pela maresia. Em setembro de 2016, a fachada e parte do primeiro piso (ou *mezzanino*) desabaram. E o principal hotel para alojamento dos convidados internacionais e diretores da SBOT, o Pestana, primeiro cinco estrelas de Salvador, hoje também já não opera mais, lembra Adalberto Visco.



O primeiro Museu da Ortopedia, inaugurado no congresso de Salvador, foi reeditado por mais quatro CBOTs



James Stannard
e João Maurício
Barretto



A programação científica foi impecável, lembram os participantes, com destaque especial para a multidisciplinaridade, já que o CBOT deu muito importância ao tema infecção, com a participação inclusive de um infectologista cuja apresentação teve recorde de público. Os três temas principais do 44º CBOT foram trauma, infecção e cirurgia segura, com grande ênfase no cumprimento dos protocolos internacionais. Também foi muito elogiada a apresentação de Bernard Morrey, do Departamento Ortopédico da Clínica Mayo e professor do Texas Health Science Center, especializado em joelho, quadril e Ortopedia do Esporte. Tanto ele como os demais convidados internacionais e também nacionais prolongaram o tempo no auditório, para responder às perguntas da plateia, o que foi uma inovação.

Um momento de emoção foi a homenagem ao presidente de honra do CBOT, Luiz Carlos Menezes, um dos médicos mais queridos de Salvador, com milhares de pacientes operados nos hospitais Português, Aliança e Espanhol, onde sua clientela o conhece mais pelo apelido de “Doutor Lapão”. A homenagem ocorreu na sessão de abertura, no tradicional Teatro Castro Alves, com direito a show com Gal Costa — que nada ficou a dever ao show de encerramento do congresso, que contou com Carlinhos Brown.

Como parte dos congressistas visitava Salvador pela primeira vez, a esposa do presidente, Livia Visco, preparou cuidadosamente a programação social. As acompanhantes dos congressistas participaram de um almoço que consideraram inesquecível no Museu de Arte Sacra, o mais importante do gênero no Brasil, e um *city tour* que incluiu as dezenas de locais de interesse turístico da Capital da Bahia, incluindo praias, igrejas, Pelourinho, mercado popular, no que foi considerada um verdadeiro curso da cultura baiana.

Capítulo 9

45º CBOT: o congresso dos hermanos

**Capital paranaense atraiu
congressistas da América Latina**



Rolando Suarez Peña, cirurgião peruano,
palestrando no evento

Foi uma surpresa positiva para Rogério Fuchs, que presidiu o 45º CBOT, a presença de vários médicos do Cone Sul no congresso. Os colegas vieram do Peru, do Uruguai, do Paraguai e da Argentina, muitos de automóvel, através de Foz do Iguaçu. Isto se explica porque, para um especialista de um dos Países da parte de baixo do Continente, é extremamente interessante participar de um grande congresso de Ortopedia e Traumatologia no Brasil, e mais barato do que nos Estados Unidos ou na Europa.

Entre os convidados estrangeiros, além dos escolhidos pela SBOT, estavam especialistas trazidos pelos expositores para os simpósios-satélite e esses igualmente viriam a ter oportunidade de fazer palestras durante o evento. A parte científica foi elogiada, conta Rogério Fuchs, “e foi destaque o tema prevenção do trauma e pré-atendimento hospitalar”, já que o Serviço Móvel de Atendimento de Urgência (SAMU) foi desenvolvido inicialmente em Curitiba, há 40 anos, com o nome de SIATE, sendo posteriormente adotado depois pelos demais Estados brasileiros, como SAMU.

Com apoio do então presidente da SBOT, Flávio Faloppa e do diretor científico, Cláudio Santili, os auditórios passaram a funcionar de acordo com um novo esquema. “Eram seis auditórios e, como temos doze subespecialidades, resolvemos programar palestras de quatro subespecialidades por dia, o que foi logisticamente difícil de organizar, mas acabou dando certo”. Os auditórios foram liberados também para temas de Ortopedia Geral, e todos os auditórios ficaram cheios durante os três dias do evento.



O ortopedista colombiano
Julio Cesar Palacios com
Flávio Faloppa



O presidente do 45º CBOT tem orgulho pelo nível dos temas livres apresentados no evento e diz que os prêmios para o mais jovem pesquisador, para o principal tema de ciência básica e para o melhor estudo clínico foram muito merecidos, pois os trabalhos foram excelentes. Ele destaca também o grande número de residentes que acompanharam o evento, “médicos dos sete Serviços de Residência de Ortopedia de Curitiba, além de residentes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina”.

Foi necessário grande investimento no Expo Unimed Curitiba – Positivo, onde foi montado o evento. “O calor era tão grande na área de 2.500 m² onde ficou a exposição, por exemplo, que tivemos que implantar a climatização com ar condicionado”, lembra Fuchs, “pois é um lugar muito quente em novembro”, mês da realização do congresso. Mesmo com os gastos extras, porém, a lucratividade do evento foi a maior até então conseguida, segundo o presidente do evento, e Fuchs atribui o resultado ao grande número de congressistas, 3.773, à comercialização muito bem-feita dos stands para os expositores e aos contratos com os fornecedores, negociados cuidadosamente, além do fato de Curitiba ser uma cidade com serviços mais baratos que de outras Capitais.



O deputado e ortopedista Luiz Henrique Mandetta posando para fotos com admiradores

Jeff Anglen, dos Estados Unidos, e Julio Cesar Fernandes, radicado no Canadá, foram palestrantes internacionais



O projeto da Casa Segura, voltado para os idosos que inovou com pisos antiderrapantes, corrimões e móveis sem quinas e que havia sido desenvolvido em Curitiba, também fez sucesso no evento, e tão grande que no CBOT do ano seguinte o projeto foi novamente apresentado.

O 45º CBOT teve sua abertura oficial realizada no próprio Pavilhão de Exposições, que foi das 19 às 23 horas e que contou com uma banda de rock, Solution, que entusiasmou os 10 convidados estrangeiros e os demais participantes do Congresso, que comentaram com o presidente ter sido uma festa muito melhor que a dos congressos norte-americanos. Também o jantar dos ortopedistas foi memorável, 2.000 participantes no Expo Renault, com show da banda Blitz.

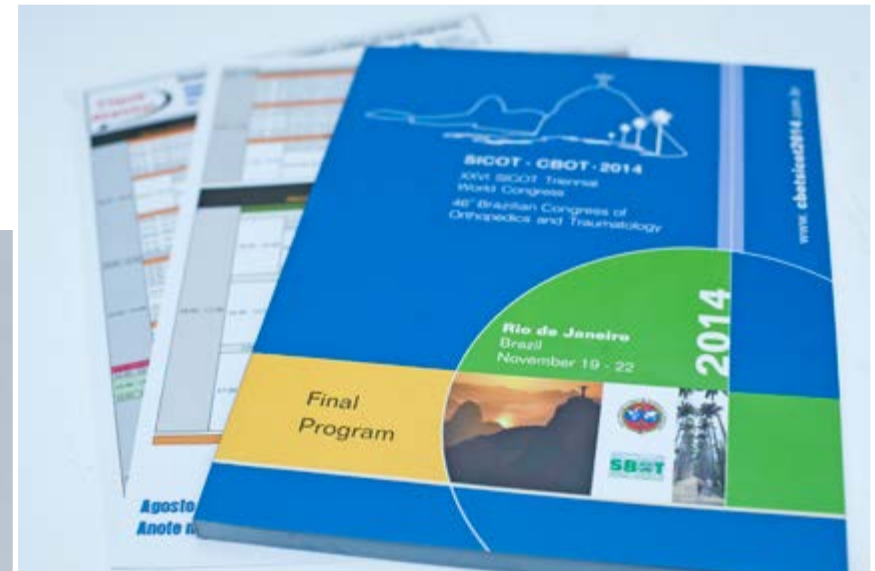
Colaboradores da
SBOT: nos bastidores da
organização dos CBOTs



Capítulo 10

46º CBOT: SICOT no Rio

Um congresso
internacional no Brasil



Geraldo Rocha Motta Filho abre o primeiro SICOT-CBOT.
Evento internacional teve programa bilingue

A SBOT teve, em 2014, a honra de realizar seu congresso anual, o CBOT, juntamente com o XXVI Congresso Mundial Trienal da SICOT (Société Internationale de Chirurgie Orthopédique et de Traumatologie). A organização do evento conjunto foi demorada e complexa. Todos os números do congresso, que foi realizado no Rio de Janeiro, são impressionantes: foram 5.711 participantes, dos quais 1.600 (28%) estrangeiros, 16 salas de conferência e mais de 700 conferencistas. O presidente do 46º CBOT, Geraldo Motta, resumiu o resultado das reuniões simultâneas como “a oportunidade de nos envolvermos com excelentes profissionais do mundo inteiro, que vieram nos mostrar o que existe de mais avançado na Ortopedia em seus países, e com certeza esse foi o maior ganho”.



Assim como em todo congresso brasileiro, o evento em 2014 também foi precedido por reuniões institucionais, mas neste caso da *Société Internationale de Chirurgie Orthopédique et de Traumatologie*, a SICOT, em que importantes decisões foram tomadas

Também o secretário-geral do SICOT, Jochen Eulert, agradeceu enfaticamente a SBOT, ressaltando que foi não só uma honra, mas também um prazer trabalhar ao lado dos ortopedistas brasileiros “ao longo de três anos de trabalhosa organização”. Para ele, “além do alto nível da programação científica, a atrativa programação social oferecida aos participantes e seus acompanhantes fizeram o congresso se tornar inesquecível em todos os sentidos”.

A referência à programação social se explica pela dedicação de Lea Motta, que montou um esquema para garantir momentos de diversão e relaxamento, necessários após os longos períodos de conferências científicas. “Procuramos criar roteiros que interessassem não só às convidadas estrangeiras, mas também às brasileiras que não conheciam lugares típicos do Rio, como o bairro de Santa Teresa, por exemplo”. As acompanhantes dos congressistas também foram levadas a exposições de artesanato e joalheria brasileiras, a *workshops* de maquiagem e de sobancelha e, para culminar, foram oferecidas aulas de samba, que foram o ponto alto para senhoras que, em seus países de origem, sempre ouviram falar do samba e do Carnaval carioca. O tradicional Almoço das Ortopedistas, organizado por Patrícia Fucs, completou a programação social. As especialistas, incluídas ortopedistas da Nigéria e Egito, tiveram memorável encontro no restaurante Quadrifoglio.



Os representantes das duas entidades, SBOT e SICOT: Sérgio Franco, presidente do congresso da SICOT, Maurice Hinsenkamp, presidente da SICOT, Arnaldo Hernandez, presidente da SBOT, Geraldo Rocha Motta Filho, presidente do CBOT e Marco Antonio Percope de Andrade, presidente da SBOT na gestão seguinte

A programação científica incluiu os tradicionais Dias da Especialidade, com salas exclusivas para cada subespecialidade, além do que foram oferecidos simpósios, a destacar o de Cirurgia Segura e de Saúde do Atleta nos Jogos Olímpicos. O Cine Video SBOT exibiu 12 vídeos com técnicas cirúrgicas de trauma, joelho, mão e ombro.

O Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (INTO) aproveitou o congresso para realizar uma pesquisa sobre cirurgia segura, respondida por 800 médicos, para diagnosticar a percepção do ortopedista sobre o risco e o nível de utilização do “*check list* cirúrgico”, validado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para prevenção de erros em ambiente cirúrgico. Geraldo Motta destaca a importância da pesquisa, pois “a segurança durante o ato cirúrgico tem sido grande preocupação e é tema presente em todos os grandes eventos da área médica”.

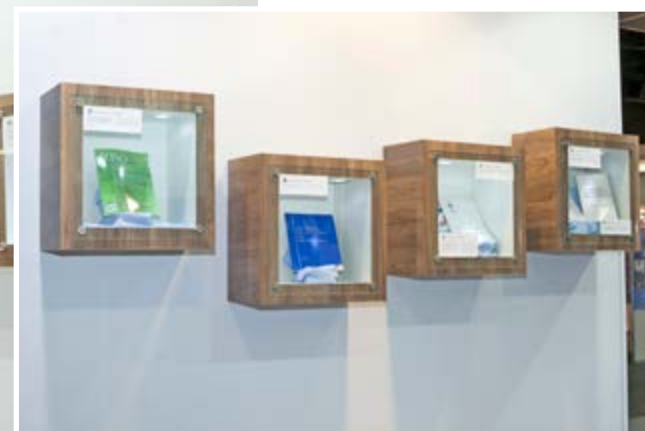
O presidente do CBOT
e a tesoureira do XXVI SICOT Triennial World Congress, Patrícia Fucs





Participantes do mundo inteiro compareceram ao Rio de Janeiro. Na plateia, de paletó xadrez, Jochen Eulert, secretário-geral da SICOT em 2014





Gilberto Luis Camanho, editor da RBO, comparece ao Museu da Ortopedia no CBOT, que revisitou a história da revista brasileira expondo antigos exemplares originais

A SBRATE (Sociedade Brasileira de Artroscopia e Traumatologia do Esporte) homenageou José Luiz Runco por sua atuação junto à Seleção Brasileira de Futebol durante o evento CBOT-SICOT





A primorosa organização do CBOT incluiu a solenidade de entrega dos prêmios aos melhores temas livres e um curso da CET, com o auditório inteiramente lotado e gente assistindo do corredor. Voltado para os residentes, o curso abordou as 20 questões nas quais se concentraram as respostas erradas no exame TEOT (de Título de Especialista em Ortopedia e Traumatologia) do ano anterior, e evidentemente foi do maior interesse para todos os R4.



Como foi um evento conjunto e internacional, um número expressivo de laboratórios e fabricantes de insumos, instrumentação e equipamentos de imagem para a Ortopedia fez questão de aproveitar a oportunidade de uma exposição que necessariamente seria visitada por um público segmentado, representado por milhares de médicos que são consumidores dos materiais apresentados.

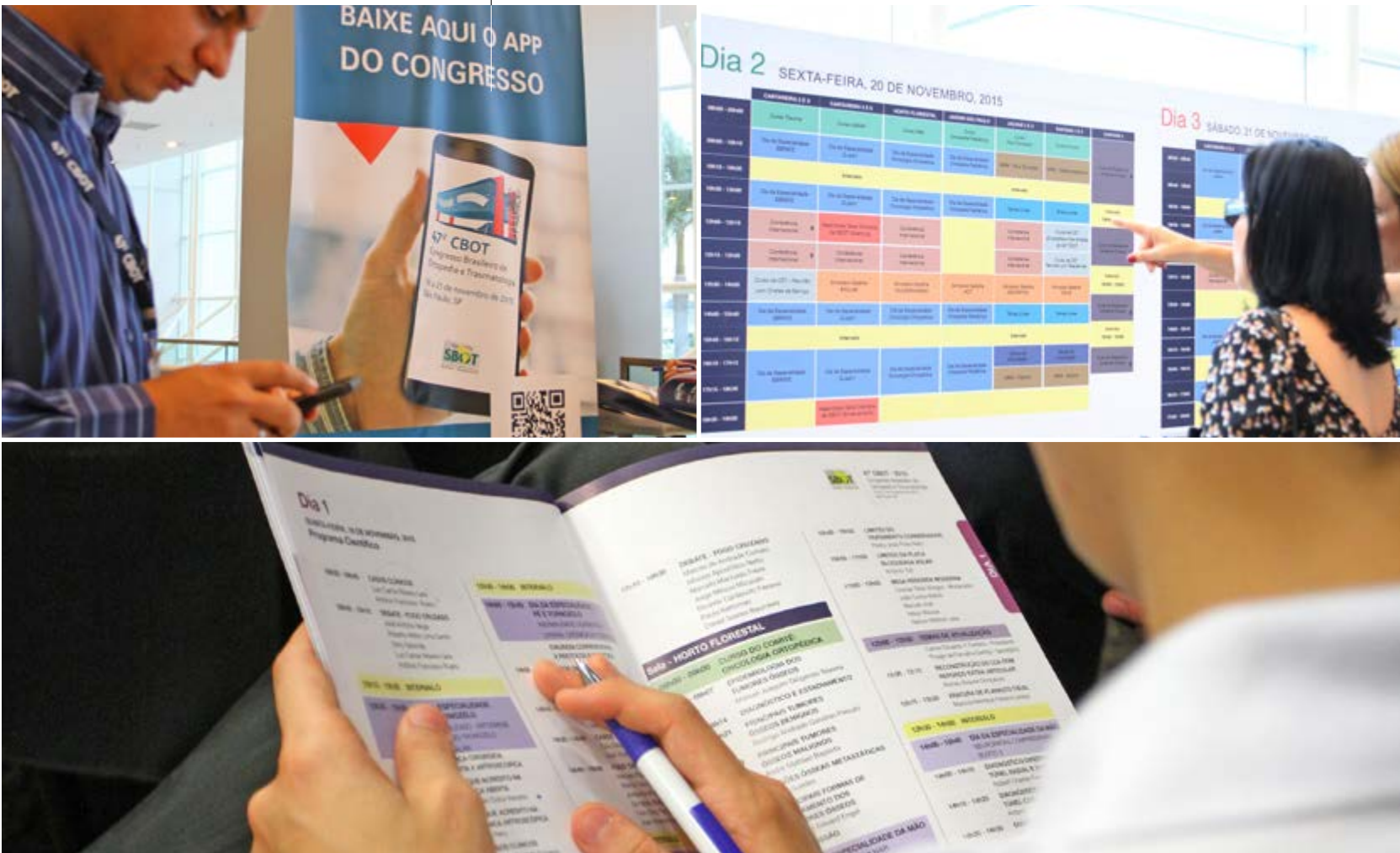
Capítulo 11

47º CBOT: Uma praça em São Paulo

**O desafio de organizar
um CBOT numa metrópole**

Para um congresso do porte do CBOT ter sucesso em São Paulo, a localização é de importância vital, por causa dos problemas de trânsito, que se agravam no horário do *rush*. Foi essa a grande preocupação do presidente do 47º CBOT, Gilberto Camanho, e de sua equipe, que acabaram fazendo uma aposta arriscada — mas que deu certo. “Em vez de fazer o evento no Transamérica ou em outra localização na Zona Sul, optamos pelo Expo Center Norte, evitando que os congressistas que chegavam por Cumbica tivessem que atravessar a cidade, e felizmente a rede hoteleira da região é bastante grande”, comentou. Além de atender os congressistas chegando de avião, havia também a opção do metrô (pela Estação Santana) para a grande massa de ortopedistas que residem na própria cidade. “O resultado foi muito positivo e tivemos um recorde de inscritos, perto de 6.000”, relembra Camanho. A preocupação com a localização e o trânsito condicionaram até mesmo a programação social, pois as acompanhantes dos congressistas foram levadas a conhecer o Museu de Arte Sacra, Estação da Luz, Museu da Língua Portuguesa — que posteriormente seria destruído por um incêndio — e a Pinacoteca, além de almoçarem na Estação Júlio Prestes, todos destinos escolhidos para evitar a travessia da área central.

O congressista podia escolher entre consultar o programa científico do congresso no meio tradicional impresso, no mural e também num aplicativo para celular





Para a organização do Congresso, que durou um ano inteiro, a equipe reservou um período, manhã ou tarde por semana, mas à medida que a CBOT se aproximava, foi preciso dedicar um dia inteiro à organização e, quando os efeitos da crise econômica começaram a ser sentidos, tanto Camanho como o presidente da SBOT (na época, Marco Antonio Percope de Andrade) e demais diretores tiveram que entrar no “corpo a corpo”, contatando pessoalmente diretores das empresas parceiras para conseguir o apoio. Mais uma vez deu certo, foi possível até reverter a posição da indústria cirúrgica, que tinha decidido não expor no CBOT.

Apesar da grande ajuda dos voluntários, que ajudaram a negociação de tarifas com os hotéis, na adequação do transporte de ônibus dos hotéis para o Expo Center, na difícil decisão de montar a festa de abertura no próprio centro de convenções, a decisão final sempre cabe ao presidente do congresso, e Camanho diz que o peso da responsabilidade é enorme. “Fazer uma abertura num salão para eventos pressupunha transportar milhares de congressistas para o local e trazê-los de volta tarde da noite”, lembra Camanho, e mais uma vez a decisão foi sua, fazer a festa no imenso espaço do Expo Center Norte, que tem vários pavilhões disponíveis.

O espaço Muito Além do Bisturi permitiu reunir os cirurgiões para falar de gastronomia, esporte, viagens e espiritualidade



Com abundância de espaço, os decoradores reproduziram a esquina mais típica do Brasil, a Ipiranga com a São João, até com paralelepípedos e os postes típicos. Os característicos *food trucks* substituíram os bares da região e ofereceram a comida típica, sanduíches, refrigerantes, cervejas “tudo de graça, *por supuesto*”, de acordo com Camanho, e, para terminar, nada mais paulista que os Demônios da Garôa cantando *O trem das onze*. “Todo mundo adorou”, relembra Camanho e, como essa abertura foi barata, acabou ajudando na economia que tornou o CBOT muito lucrativo, em cerca de três milhões de reais.

O jantar dos congressistas, para 300 convidados, foi no último andar do Edifício Tomie Othake, que pela primeira vez abriu o espaço para um evento. Do alto, era possível ver a maior parte da imensa metrópole. Para completar, o laboratório Aché, na ocasião, patrocinava uma exposição de arte no mesmo prédio, da artista mexicana Frida Kaklo (*Conexões entre mulheres surrealistas no México*) e a franqueou para os participantes do jantar.

O Fórum de Defesa Profissional contou com a presença do deputado Luiz Henrique Mandetta.





O cirurgião alemão Thorsten Gherke veio palestrar no CBOT

Camanho lembra que o CBOT é, há muito tempo, o maior evento científico da ortopedia e traumatologia do continente, “uma maravilhosa oportunidade de reciclar e absorver os novos conhecimentos que se multiplicam na área, e todo mundo sabe disso”. O CBOT que presidiu coincidiu com a divulgação dos primeiros resultados da terapia celular, dos estudos sobre condroblastos e condrócitos. Os convidados internacionais foram muito bem escolhidos, Eduardo Novais que, brasileiro, dirige o Programa de Cirurgia preservadora do Quadril no Children’s Hospital de Colorado e é professor da Universidade do Colorado, e Thorsten Gehrke, do Hospital Endoclinic, de Hamburgo, professor da Universidade de Kiel. Este foi levado pelo Jornal da SBOT para conhecer o Centro de Treinamento do Corinthians, e ficou impressionado com a qualidade técnica dos atendimentos aos atletas.



Pela primeira vez, as Ligas de Ortopedia de faculdades de medicina de todo o Brasil puderam se apresentar num CBOT

Os mais importantes ortopedistas dos 12 campos em que se subdivide a Ortopedia e a Traumatologia participaram dos vários Dias da Especialidade e Camanho diz que a quantidade e o nível dos temas livres apresentados mostraram, mais uma vez, “a pujança da pesquisa brasileira na área, que continua crescendo”.

Capítulo 12

CBOT 48: A arena

**Audácia no aproveitamento do
espaço: apresentações simultâneas
em uma sala**



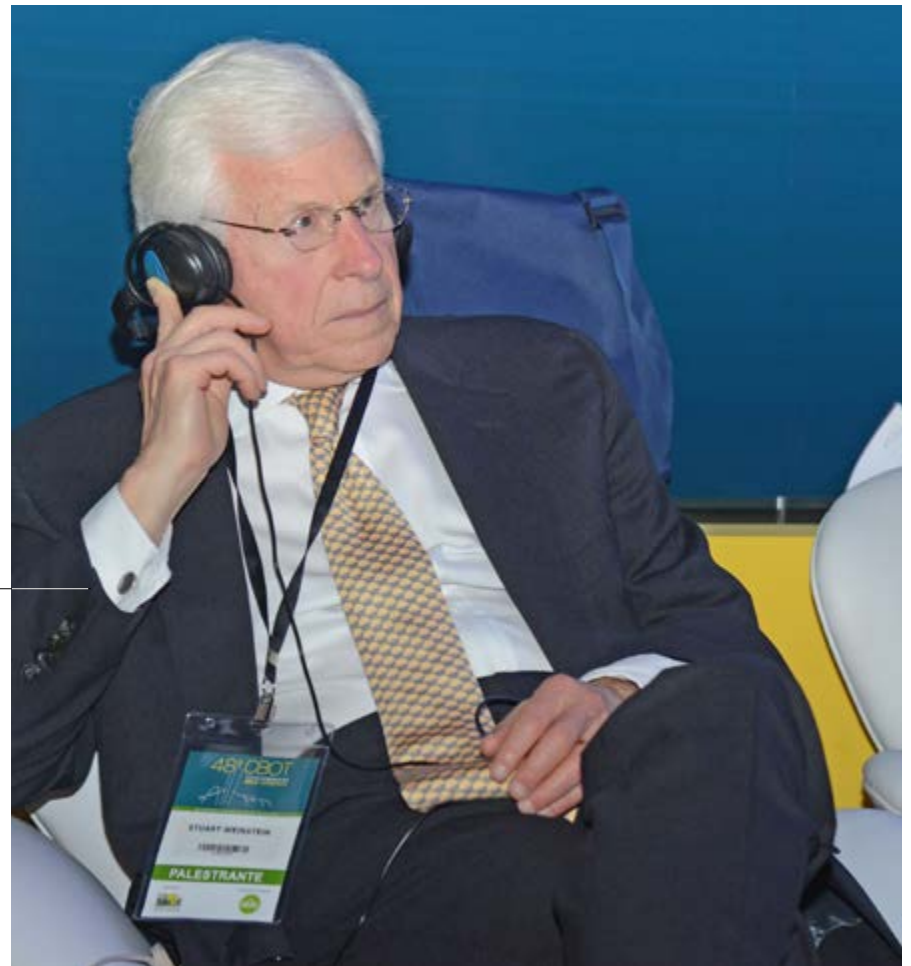
O CBOT 48 revolucionou a maneira de organizar as palestras: o formato arena permite utilizar um espaço aberto único, quando não há disponibilidade de salas em separado, com a vantagem de permitir ao congressista “espiar” o que está sendo transmitido em outras salas sem sair do lugar. Os fones de ouvido permitiam a sintonização do áudio em qualquer sala, com tradução simultânea quando necessário

Como não havia facilidade para a montagem de auditórios suficientes no Expominas – Centro de Feiras de Minas Gerais, Em Belo Horizonte, o presidente do 48º CBOT, Francisco Carlos Salles Nogueira, adotou uma solução ousada. Foi criada uma arena hexagonal, em espaço aberto, no centro da qual seis palestrantes faziam apresentações simultâneas para seis diferentes plateias, sem separação física por paredes ou portas. Os conferencistas falavam para microfones cujo som era transmitido a fones de ouvido entregues aos congressistas, que escolhiam que apresentação acompanhar. Era possível até mesmo alternar a escuta de uma ou outra palestra, escolhendo diferentes canais no fone.

“É evidente que como toda novidade, o sistema pode ser melhorado”, diz Nogueira, mas funcionou bem principalmente devido à dedicação dos ortopedistas mineiros. Ele conta que cada “sala” do hexágono (na verdade, uma “fatia” do espaço aberto) ficou a cargo de um hospital, que trabalhou com uma equipe de 10 médicos voluntários, um dos quais coordenava a sala. “Eles supervisionaram a apresentação das imagens na tela de cada palestrante, que foi devidamente preparado para o novo tipo de apresentação”. Os voluntários também acompanhavam a tradução simultânea, no caso dos palestrantes estrangeiros e, para quem assistia, era uma facilidade a mais trocar uma apresentação sobre Trauma para outra de Ortopedia Pediátrica ou de Joelho tocando um botão, sem precisar mudar de auditório.

“Foi a primeira vez que um grande congresso adotou essa solução”, relembra Francisco Nogueira, o “Chiquinho”. “Anteriormente, apenas eventos muito menores, de Ortopedia Esportiva e de Ombro, tinham funcionado nesse esquema”, mas o importante é que a ousadia deu certo e foi aplaudida. A comprovação do sucesso do esquema foi avaliada pela enquete feita com os 4.300 congressistas ainda durante o CBOT, que registrou índice superior a 80% de aprovação em todos os itens. Quem também gostou muito foram os expositores, porque os congressistas ficavam muito próximos da área de exposição e, sem necessidade de grandes deslocamentos, paravam mais tempo no estande de cada empresa. Os seis convidados internacionais também aplaudiram a organização do Congresso, que teve importante participação de parceiros sul-americanos, da Argentina e do Paraguai, além, é claro, da presença marcante dos ortopedistas portugueses, que sempre prestigiam o CBOT.

Stuart Weinstein
representou a sociedade
americana de ortopedia,
AAOC, na conferência sobre
participação política e lobby
durante o CBOT





Um simulador de direção permitiu aos congressistas vivenciar o que pode acontecer quando se usa o celular ao dirigir

Até chegar à formatação final e à aprovação dos palestrantes, a equipe dirigida por “Chiquinho” trabalhou muito, mas contou também com grande apoio do então presidente da SBOT e do diretor científico, respectivamente Luiz Antonio Munhoz da Cunha e Flávio Faloppa. “Houve tanta coisa importante no CBOT, que ficaria longo citar tudo”, conclui Francisco Nogueira. Ele não deixa de lembrar, entretanto, as palestras sobre inovações principalmente na área de Trauma, da Ortopedia Pediátrica e do Joelho, as previsões do aumento da demanda a ser esperado em decorrência do rápido envelhecimento da população e a apresentação do deputado ortopedista Luiz Henrique Mandetta, juntamente com o presidente da Sociedade Americana de Ortopedia (AAOS) e do representante do Canadá, que contaram como os médicos influem e subsidiam as políticas de Saúde Pública na América do Norte. Para completar, Nogueira destaca que os contratos de locação e serviços, muito bem negociados, permitiram que a taxa de inscrição para o congressista não aumentasse de um ano para outro.

O fato de o Expominas contar com pavilhões separados permitiu realizar a festa de abertura, com recorde de participantes, 3.000 pessoas, com shows e um jantar dançante. “A família ortopédica se sentiu muito à vontade com a hospitalidade mineira”, recorda o presidente do Congresso. Também foi montada uma programação especial para as 200 esposas dos médicos, que foram levadas ao Instituto Inhotim, em Brumadinho, com seu museu ao ar livre, a uma palestra com a poetisa mineira Adélia Prado e ao Conjunto Arquitetônico da Pampulha, que tinha acabado de ser elevado pela Unesco a Patrimônio Mundial da Humanidade.

Nogueira conta que como o Expominas tem três pavilhões, um deles abrigou o programa *Muito além do bisturi*, espaço onde foram feitas apresentações de grande interesse, mas não ligadas à Ortopedia: “Tivemos palestras sobre vinho, cervejas artesanais, esporte, relaxamento, até ilusionismo, pois descobrimos que um hobby comum do ortopedista é fazer mágica”. E claro que, com o congresso sendo realizado em Minas, houve uma concorrida apresentação sobre os melhores queijos mineiros, com direito a degustação.



Tradição e inovação: o congresso em Minas contou com a participação de figuras tradicionalíssimas como Márcio Ibrahim, e com gente nova, os acadêmicos das Ligas de Ortopedia

Capítulo 13

CBOT 49: Economia com qualidade

**Um congresso verdadeiramente
inclusivo**

“Economizar sem perder a qualidade” foi o lema de Sandro Reginaldo, a quem coube a responsabilidade de realizar o 49º CBOT, em Goiânia, onde os ortopedistas voltaram a se reunir 19 anos depois que a cidade abrigara um congresso da SBOT. “O Departamento Comercial trabalhou muito para conseguir os patrocínios”, lembra Sandro, “mas com a restrição de verbas, tivemos que inovar. Basta lembrar que, na parte social, gastamos menos de 50% do investido no CBOT de 2016”. E, em vez do jantar dos congressistas, tivemos dois dias de *happy hour*, no Centro de Convenções de Goiânia, com quatro shows com bandas e cantores de alto nível.

O congresso de 2017 teve algumas inovações como essas, nem todas ditadas pelo corte de gastos. Por exemplo: foram 600 palestrantes no total e a organização do evento fez questão de gratificar esses especialistas e professores dedicados que, na colocação de um médico, “precisam pagar para fazer suas apresentações já que, mesmo palestrantes, não estão isentos do pagamento da inscrição”. Assim, as bolsas entregues aos congressistas na inscrição foram diferenciadas, identificando o portador como palestrante. E quem deu aula fez jus a algumas regalias — entre as quais degustação da cerveja goiana Colombina Lager, que acabara de ser premiada no Festival Brasileiro da Cerveja, em prova a que concorreram dois mil rótulos de cervejas. Tiveram ainda facilidades e atenções especiais para apresentarem as imagens nas suas palestras e para acesso às salas.

O primeiro CBOT a
empregar cadeirantes





O CINE SBOT, criado por Moisés Cohen, se consolidou como uma atividade tradicional dos CBOTs: inicialmente com poucas estações e filmes disponíveis, hoje já tem múltiplas salas e exibições de cirurgias em 3D

Inovação também foi a montagem do tradicional Cine SBOT, mas agora totalmente integrado com os auditórios. Constatou-se de seis miniauditórios, com 12 cadeiras cada um, nos quais, com fones de ouvido, os congressistas assistiam a vídeos de técnicas cirúrgicas e, “como em todo cinema, colocamos um carrinho para distribuir pipoca aos médicos que assistiam aos vídeos”, diz Sandro Reginaldo. Outra inovação: a contratação de pessoas com necessidades especiais como recepcionistas, 10 cadeirantes, que agradeceram emocionados o fato de serem lembrados para trabalhar no evento, pela primeira vez, em Goiânia.



Os filhos de Sandro Reginaldo fazendo o discurso de abertura do CBOT 49



Outra tradição que vem se consolidando nos CBOTs: a promoção de eventos esportivos, como esta Corrida da Ortopedia



O CBOT de Goiânia atraiu 3.600 associados, houve recorde de inscrição de temas livres, quase 500, o que mostra a “pujança da pesquisa brasileira”, recorde de Ligas Acadêmicas participantes (32, representando 10 Estados e o Distrito Federal). “Quanto à grade científica, ninguém duvidava que seria de altíssima qualidade. Afinal, os três convidados estrangeiros são luminares nas suas áreas de atuação”, comenta Reginaldo. “Gilles Walch, da França, apresentou o confeito diferente de uma prótese para o ombro, com haste curta”, revela, “o norte-americano Michael Gardner sempre lota os auditórios, pois é um dos nomes mais destacados quando se fala em trauma, enquanto William Bugbee, de San Diego, é um dos maiores especialistas em novos métodos de restauração biológica”.

Sandro Reginaldo confessa que organizar o congresso foi um imenso desafio, mas extremamente gratificante. Ele tinha convicção desde o primeiro momento de que os goianos fariam um evento que correspondesse à demanda dos associados. Afinal, ele conhece profundamente a SBOT, pois vem participando da Sociedade há mais de 10 anos: presidiu a Regional de Goiás no biênio, foi tesoureiro da SBOT Nacional, integrante e secretário da Comissão de Educação Continuada (CEC) e o primeiro diretor de Comitês. Também foi diretor de Comunicação e Marketing e presidente da Comissão de Preceptores. E já que inovou tanto no evento, resolveu dar um toque emotivo na própria abertura do 49º CBOT, levando “as pessoas mais importantes da minha vida, meus dois filhos pequenos, a fazerem a declaração formal da abertura do Congresso”.

Capítulo 14

50º CBOT: O Congresso da Barra da Tijuca

Uma nova geração de ortopedistas



A responsabilidade de reunir pela quinquagésima vez os ortopedistas de todo o Brasil no maior evento científico da América Latina foi uma preocupação constante do presidente do CBOT de 2018, João Antonio Matheus Guimarães. Essa preocupação o levou a escolher, dentro da metrópole carioca, a região mais aprazível, a Barra da Tijuca, tanto para a realização do evento científico como para a hospedagem dos milhares de congressistas, para o jantar comemorativo e até mesmo para a programação turística — voltada para a ecologia — que vai oferecer para as acompanhantes dos congressistas.

Guimarães conseguiu uma concentração tão grande dos serviços na região que passou a repetir, como se fosse uma brincadeira, que “o CBOT não vai ser no Rio, mas na Barra da Tijuca”. Na Barra, não existem os problemas de trânsito que ocorrem nas outras áreas do Rio, os deslocamentos são muito mais fáceis, já que as recentes Olimpíadas levaram à construção de 90 hotéis nas proximidades do Rio Centro, uma obra tão grandiosa que a festa de abertura do congresso será feita no próprio centro de convenções. Como os 50 anos abrangem duas gerações, pois “os ortopedistas de hoje são cientificamente sucessores dos que fundaram a SBOT”, o show de abertura será apresentado também por uma nova geração de artistas. Por isso, foram escolhidos, para se apresentar os herdeiros dos artistas do passado, o filho de Wilson Simonal, o filho de Tim Maia e o filho de Jair Rodrigues. O Campo Olímpico de Golf, também na Barra, foi escolhido para o jantar de recepção aos mais de 300 conferencistas, entre os quais quatro sumidades internacionais. Na mesma área, será feito o passeio ecológico acompanhado por biólogo, na lagoa de Marapendi, para observação de dezenas de espécies de aves aquáticas e dos jacarés que vivem na área.



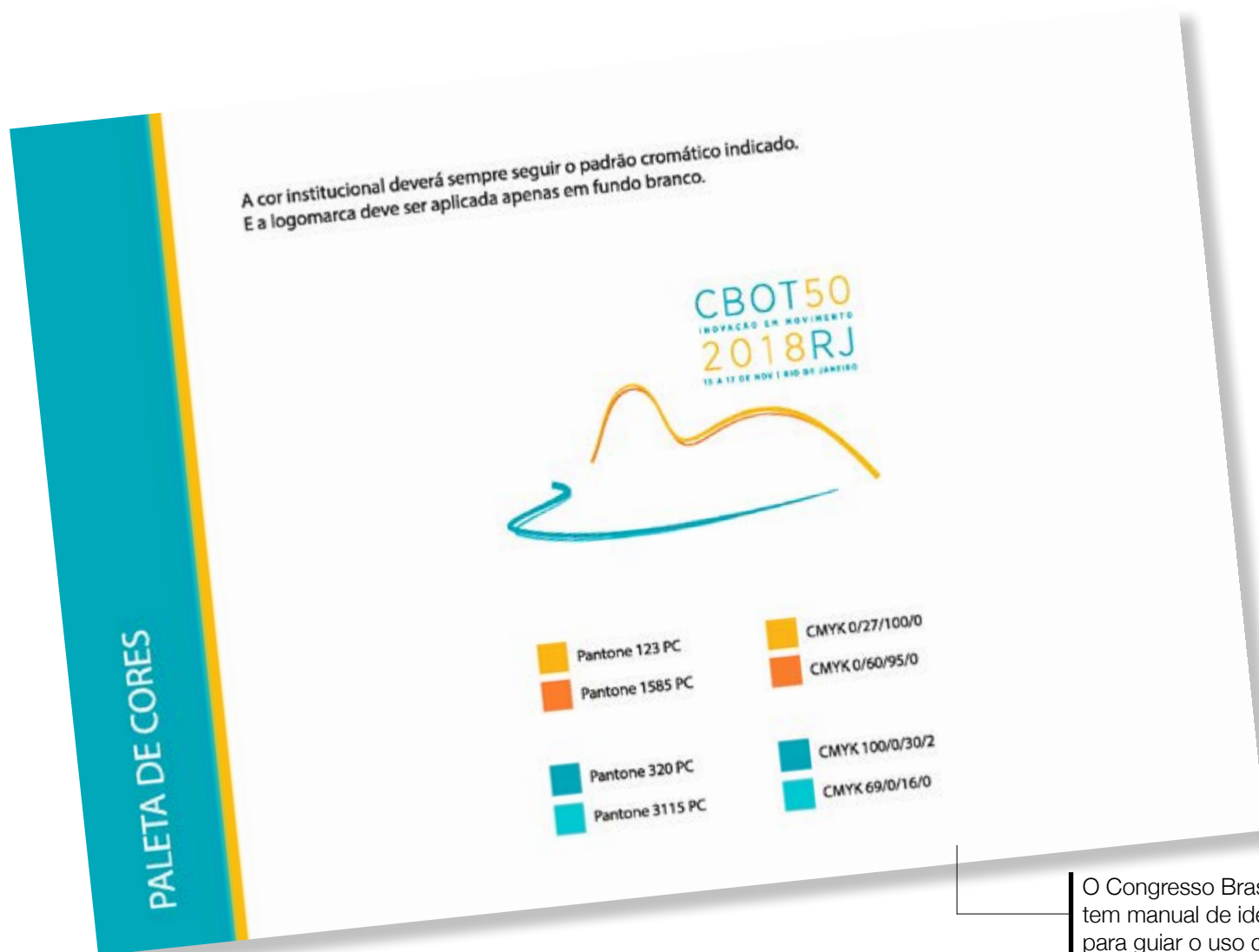
Divulgação do CBOT 50 foi feita em todos os eventos da SBOT



Presidente da SBOT e presidente do CBOT: uma parceria necessária para o sucesso de cada congresso

Espaço não há de faltar, diz o presidente do evento, pois o Rio Centro está disponibilizando duas salas para 1.000 pessoas, quatro para 700, seis para 300 e a proposta é que a cada dia funcionem quatro salas com palestras sobre as subespecialidades e duas para temas gerais. A necessidade de salas para grande número de espectadores se explica pela atração que representam alguns dos convidados, como um dos maiores especialistas em trauma, da Inglaterra, que estará presente. É que com o aumento dos ferimentos causados por projéteis de alta velocidade, decorrência do uso de armamento militar pelos criminosos, o ortopedista passou a enfrentar novos desafios. “Num ferimento causado por uma bala de fuzil, por exemplo, o projétil que atinge um osso tem força suficiente para estilhaçá-lo e fazer com que os fragmentos atuem como miniprojéteis, tornando muito maior o trabalho do cirurgião”, conclui Guimarães.

Outra preocupação na montagem do CBOT diz respeito à recepção das Ligas Acadêmicas, pois o presidente entende ser preciso “cativar os futuros médicos para a Ortopedia”, já que, com a recente proliferação de escolas de Medicina há Faculdades que nem incluem Ortopedia no currículo. O CBOT será a oportunidade de mostrar ao acadêmico a importância da especialidade e, para valorizar o pesquisador, os temas livres serão inseridos dentro das palestras, o que fará com que o apresentador fale para grandes assistências. João Antonio Matheus Guimarães começou a participar da SBOT há muitos anos justamente por causa de sua vocação para o ensino e pesquisa, missões que desenvolve no INTO (Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia) e a que se dedicou como presidente da Regional fluminense da SBOT e na Secretaria da SBOT nacional, na gestão Romeu Krause.



O Congresso Brasileiro agora tem manual de identidade visual para guiar o uso de fontes, cores e tamanhos de imagem e letras de forma padronizada

Serão distribuídos prêmios em dinheiro para os melhores temas livres de Anatomia, de Inovação e de Pôsteres, que serão apresentados em totens com computador. O Cine-SBOT, com vários monitores e fones individuais, também será montado no CBOT, pois está consolidada esta forma de apresentar os procedimentos dos ortopedistas mais experientes.

Guimarães também resolveu criar outros eventos dentro do evento maior, para valorizar a multidisciplinaridade que hoje caracteriza a Ortopedia. “Vamos montar, além de pré-cursos das subespecialidades, um laboratório para o estudo do atleta no Parque Aquático Maria Lenke, equipado com áreas para avaliação e treinamento e onde ortopedistas ficarão junto com fisiologistas e nutrólogos.

A área de exposições também será privilegiada no CBOT, pois a Secretaria será montada em tal posição que, para confirmar a inscrição e pegar o crachá e as pastas, o congressista terá que entrar na área dos expositores, o que deve aumentar a visualização e o interesse pelos estandes.

Capítulo 15

CBOT 51: rumo a Fortaleza

**Instalações preparadas,
organização acelerada**



Fernando Mendes Façanha Filho trabalha no planejamento do CBOT 51, que acontece em Fortaleza, em 2019

O presidente eleito da SBOT, Moises Cohen, e o presidente do 51º CBOT já vistoriaram o local onde será realizado o congresso em 2019, o Centro de Convenções de Fortaleza, “que é fantástico, algo espetacular, com um ar condicionado poderoso”, dizem eles. O início da preparação do CBOT tanto tempo antes é normal, pois é extremamente difícil montar o evento, principalmente fora do circuito São Paulo e Rio. A organização só não está sendo mais complicada, diz Cohen, pela grande capacidade e empenho do presidente Fernando Mendes Façanha Filho, que reservou a data, participou da negociação do contrato — a SBOT já pagou a primeira parcela — e definiu a área física, bem ampla, para abrigar uma exposição de laboratórios e produtores de insumos, negocia tarifa de hotéis e atrações.

Façanha conta que conseguiu montar uma equipe de 20 médicos voluntários que estão empenhados com ele na organização do Congresso, que não é simples. “Temos que fazer vistorias em hotéis, restaurantes, negociar tarifas”. Concluímos que será necessário montar um esquema de transporte, pois os hotéis estão junto às praias, a seis quilômetros do local do Congresso, o que torna necessário montar uma linha de ônibus passando a cada 20 minutos pelos hotéis.

Como o aeroporto de Fortaleza passou a contar com 17 voos internacionais por semana, o acesso à Capital cearense ficou mais fácil também para os congressistas do Cone Sul, da Colômbia e da Argentina, por exemplo, que poderão chegar em voos diretos. É que o CBOT, como maior evento de Ortopedia do Continente, costuma atrair especialistas dos demais países da América do Sul.

Toda essa dedicação à preparação do evento é bem-vinda, garante Moisés Cohen, pela importância do Congresso. Ele lembra que no passado aguardava com ansiedade o Congresso, porque era a grande oportunidade de conhecer as novidades, seja de medicamentos, seja de próteses, de material cirúrgico e de imagem que sempre eram apresentados na área de exposição. “Agora o CBOT tem ainda maior importância para o ortopedista jovem” por causa da evolução do Cine SBOT, diz, já que nas várias estações poderão ser acompanhados vídeos de procedimentos muito bem confeccionados, de boa qualidade técnica e que o congressista pode assistir no momento que quiser. No último congresso tivemos 28 vídeos, 500 ortopedistas os assistiram e a maior prova do interesse é que 430 votaram para escolher os melhores, que foram premiados”. O Cine SBOT é destaque principalmente para quem não vive nos grandes centros e pode acompanhar na tela os procedimentos feitos pelos cirurgiões mais experientes, aprender dicas, ver como é feita a prótese, o ligamento, como se coloca uma haste. E mesmo para quem não puder assistir, os vídeos apresentados passam a fazer parte da biblioteca da SBOT e ficam à disposição para se assistir depois.

A tecnologia tornou o site mais responsivo, mas as novas ‘armas’ da Informática ainda não estão sendo utilizadas em todo seu potencial, afirma Moises Cohen, por isso a SBOT está investindo tanto nesse setor, prevendo que no futuro próximo, o celular seja a ferramenta principal, tanto para acompanhar vídeos como para fazer compras, para conseguir informações, e terá um papel vital na educação continuada. Além das aulas clássicas estão previstas, para o CBOT de 2019, inovações quanto aos temas livres, que serão apresentados em telas, com os temas abertos para consulta. Aliás, todo o material do congresso estará disponível via digital.

O fato da organização do congresso do ano que vem estar avançada não quer dizer, entretanto, que não haja desafios. Um congresso de alto nível é caro e hoje o dinheiro está curto para todos, também para os expositores. E há um problema a mais: as limitações do *compliance*, que levam algumas multinacionais a não participarem do evento. Essas empresas organizam seus próprios eventos e acabam competindo com o congresso da SBOT, diz Moises Cohen, tanto que há necessidade de se encontrar uma fórmula mágica que compatibilize os interesses, pois o médico precisa da indústria e a indústria do médico, numa simbiose constante. Parte da solução virá com pequenos cursos, as empresas fazendo educação continuada, eventos pré-congresso e a área Jurídica da SBOT foi acionada para indicar o que pode ser feito sem interferir nas limitações impostas pelo *compliance*. O que se procura é uma parceria legítima e saudável, que tenha vantagens para a SBOT e também para a indústria.

A expectativa é que o 51º CBOT atraia muita gente, já que é um destino barato para os médicos da região, para quem seria caro ir a São Paulo, por exemplo, mas também pelo atrativo turístico inerente ao Ceará. Para os convidados internacionais, que geralmente conhecem Rio e São Paulo, a oportunidade de conhecer o Nordeste e suas praias, será um incentivo a mais. Façanha acredita que, como Fortaleza tem grande apelo turístico, o CBOT acabará sendo um atrativo também para a família do ortopedista, e, para isso, está programando visitas a Aquiraz, antiga Capital do Ceará e que concentra grande número das famosas rendeiras. Elas fazem renda, bordado e paletão de labirinto na frente dos turistas, jogando numa velocidade incrível de um lado para outro o bilro — fio preso a uma semente de buriti —, com o qual vai sendo montada a renda.

A outra grande atração que Façanha pretende oferecer às famílias dos congressistas, mas principalmente para as crianças, é o Beach Park, o maior parque aquático da América Latina, com 13 quilômetros quadrados e 18 atrações, entre radicais, moderadas e infantis. O parque recebe 1,7 milhão de visitantes a cada ano.

Os organizadores lembram que o programa social é tão importante quanto o congresso, pois “é quando se encontram colegas de quem estamos distantes, hora de renovar a amizade com alguém com quem se estagiou e é quando, relaxados, discutimos como é a medicina na cidade de cada um”. E já que possivelmente não haverá recursos para grandes festas, os ortopedistas se reunirão, no 51º CBOT em longos *happy hours* para matar saudades, confraternizar, reunir a imensa família que a SBOT foi criando, ao longo de tantas décadas.

Capítulo 16

Como será a Ortopedia durante o 60º CBOT

Avanço da ciência e da tecnologia

Em 2028, a Ortopedia do futuro, quando a SBOT estiver realizando o 60º CBOT, certamente será bem diferente da atual. As próteses de metal trabecular de titânio e tântalo terão se tornado comuns, os exames de imagem terão evoluído mais ainda. A cartilagem biológica, cultivada em laboratório, provavelmente será uma realidade. O tratamento a partir de células autólogas estará se transformando em procedimento rotineiro. A cirurgia por navegação estará disseminada pelos hospitais brasileiros. As revistas científicas em papel terão sido substituídas, de vez, pelas eletrônicas. E uma grande diferença em relação à década passada é que não há mais fronteiras, e o conhecimento é difundido *online*, muito mais rapidamente.

Para o professor Alexandre Fogaça Cristante, nunca como nos últimos 10 anos, a premissa de que “a Medicina é a ciência das verdades transitórias” se fez tão presente na Ortopedia. O que era apresentado como verdade absoluta quando se celebrava o 40º CBOT em Porto Alegre, será mostrado como algo muito modificado no 50º CBOT, de Fortaleza, diz ele. Fogaça credita a mudança a vários fatores, ao desenvolvimento de novos materiais, a métodos científicos inovadores, mas também no que diz respeito a patologias que, há uma década, eram tratadas de modo conservador, enquanto hoje a opção é pela cirurgia que se tornou menos traumática, menos invasiva e que leva a uma reabilitação em prazo muito mais curto, ressalta.



Camila Cohen Kaleka, pesquisadora da cartilagem articular, fala sobre o futuro da pesquisa em ortopedia

As ferramentas para a reabilitação também evoluíram muito nesses dez anos, visando sempre a restituir quanto antes a normalidade à vida do paciente. Basta lembrar as fraturas demoradamente tratadas com gesso, foram substituídas nos anos recentes por hastes e placas. Houve abandono quase total do imobilismo, antes recomendado, substituído pela reabilitação iniciada já no dia seguinte à cirurgia.

Essas são algumas das previsões dos especialistas, com base na velocidade dos avanços do conhecimento e na imensa quantidade de pesquisadores que, pelo mundo inteiro, estão debruçados sobre os problemas da especialidade, procurando soluções. Os ortopedistas da nova geração estão confiantes que a incrível evolução da especialidade que já está sendo vivida será plenamente acompanhada pelo Brasil. Camila Cohen Kaleka, do Hospital Israelita Albert Einstein, lembra que, quando voltou de um intercâmbio em Pittsburg, onde trabalhara num laboratório de pesquisa básica no isolamento da célula-tronco do músculo em 2001, pouco se falava sobre isso no Brasil, mas hoje é diferente. “A tendência é usar o máximo possível do material tecidual do próprio paciente para garantir uma regeneração rápida”, diz ela. No futuro, “vamos entender melhor essas lesões do ponto de vista genético, poderemos compreender porque elas ocorrem e, conseqüentemente, será possível intervir melhor, seja em marcadores biomoleculares, de colágeno, de degradação da cartilagem articular. Hoje, de certa maneira, já conseguimos até atuar nesses marcadores, inibindo suas ações, e acredito que este será o maior gol que teremos no futuro”. A pesquisadora afirma que hoje é possível entrar na célula

la para reprogramá-la de maneira a que se comporte como queremos e não como se comportaria originalmente. Embora no Brasil esse tipo de trabalho não esteja homologado — ainda não há autorização legal para modificar a célula —, ela vê a pesquisa brasileira caminhando no mesmo passo que a pesquisa dos países mais desenvolvidos e externa uma grande crença na evolução da Ortopedia no Brasil.

Mas a grande dúvida é se, em dez anos, essas inovações estarão ou não à disposição de toda a sociedade, pois, ao lado da certeza de progresso, há também a certeza de que essas melhorias serão extremamente caras. “Temos certeza da evolução tecnológica”, enfatiza Kaleka, “e teremos condições de reconhecer os casos que necessitam tratamento com esse tipo de célula, mas a questão é se será acessível financeiramente, se não vão onerar demais o sistema de saúde”.

“O custo dessa medicina que avança a cada dia é muito alto”, e não há como prever se e quando se tornará barata o bastante para ficar ao alcance de toda a população brasileira, concorda Sérgio Delmonte, que espera uma evolução marcante do metal trabecular para melhorar a fixação no osso, principalmente nas revisões de próteses de quadril, nas quais é preciso uma estabilização melhor. “Essa evolução é importante principalmente no Brasil, onde contamos com poucos bancos de ossos”, acrescenta ele, e a legislação é muito rígida, limitando o uso de osso de bancos pelo ortopedista.

A expectativa de Cohen é que dificilmente as novas promessas da Medicina estarão ao alcance de toda a população nos próximos 10 anos, mas acha provável que se chegue a isso em 20 anos. “Caberá à SBOT”, diz Cohen, batalhar para que a evolução da pesquisa venha a beneficiar toda a sociedade. Esse trabalho implica em conseguir regulamentar novos procedimentos, intervir nas políticas de saúde pública e fazer a roda da burocracia e do governo girarem mais rapidamente, incorporando na Tabela SUS, por exemplo, a terapia celular, privilegiando também a prevenção e garantindo maior longevidade e melhor qualidade de vida para a população como um todo. “É um sonho ousado, mas vai se tornar realidade”.

Capítulo 17

Interatividade e velocidade de transmissão:
realidades do ensino da medicina hoje

**Dos carrosséis de slides aos
aplicativos para celular**



O treinamento da cirurgia ortopédica hoje emprega recursos que não eram disponíveis no passado

Não é só a Ortopedia que deve mudar muito nos próximos dez anos, o ensino da Medicina também sofrerá uma revolução que, sem que se note, já mudou muito nos anos recentes. Camila Cohen Kaleka, do Hospital Israelita Albert Einstein, lembra que, estudante ainda, montava os carrosséis de slides para que seu pai usasse as imagens em suas aulas. “O acadêmico de hoje não viu e nem sabe o que é um carrossel”, afirma. Patrícia Fucs, presidente da SBOT, conta sobre o trabalho de produzir os slides, que precisavam ser revelados em empresas especializadas, e organizar as sequências, às vezes em carrosséis para dupla projeção, lado a lado: “Eu usava uma sala na Santa Casa em que a luz foi totalmente bloqueada, para poder preparar as aulas para os professores”, relembrando a era pré-PowerPoint. “Alterações de última hora eram impossíveis, enquanto hoje podemos modificar a aula minutos antes da apresentação”.

O pai de Kaleka, o professor Moisés Cohen, lembra como “os estudantes chegavam à sala com bloquinhos e caneta para anotar tudo” — o que ficou no passado. “Os cadernos foram substituídos por gravadores, os gravadores deram lugar a *notebooks* nas salas de aula, e estes hoje já se tornam raros, porque as imagens apresentadas pelo professor começaram a ser fotografadas pelos celulares, que logo passaram a ter capacidade para filmar a aula inteira. Hoje não surpreende que um acadêmico apresente um *pen-drive* ao mestre e pergunte se pode transferir toda a apresentação”.



O cirurgião em treinamento precisa conhecer bem os princípios básicos da ortopedia para poder operar mesmo em condições com menos recursos





Moisés Cohen, professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), defende o uso de novas tecnologias no ensino

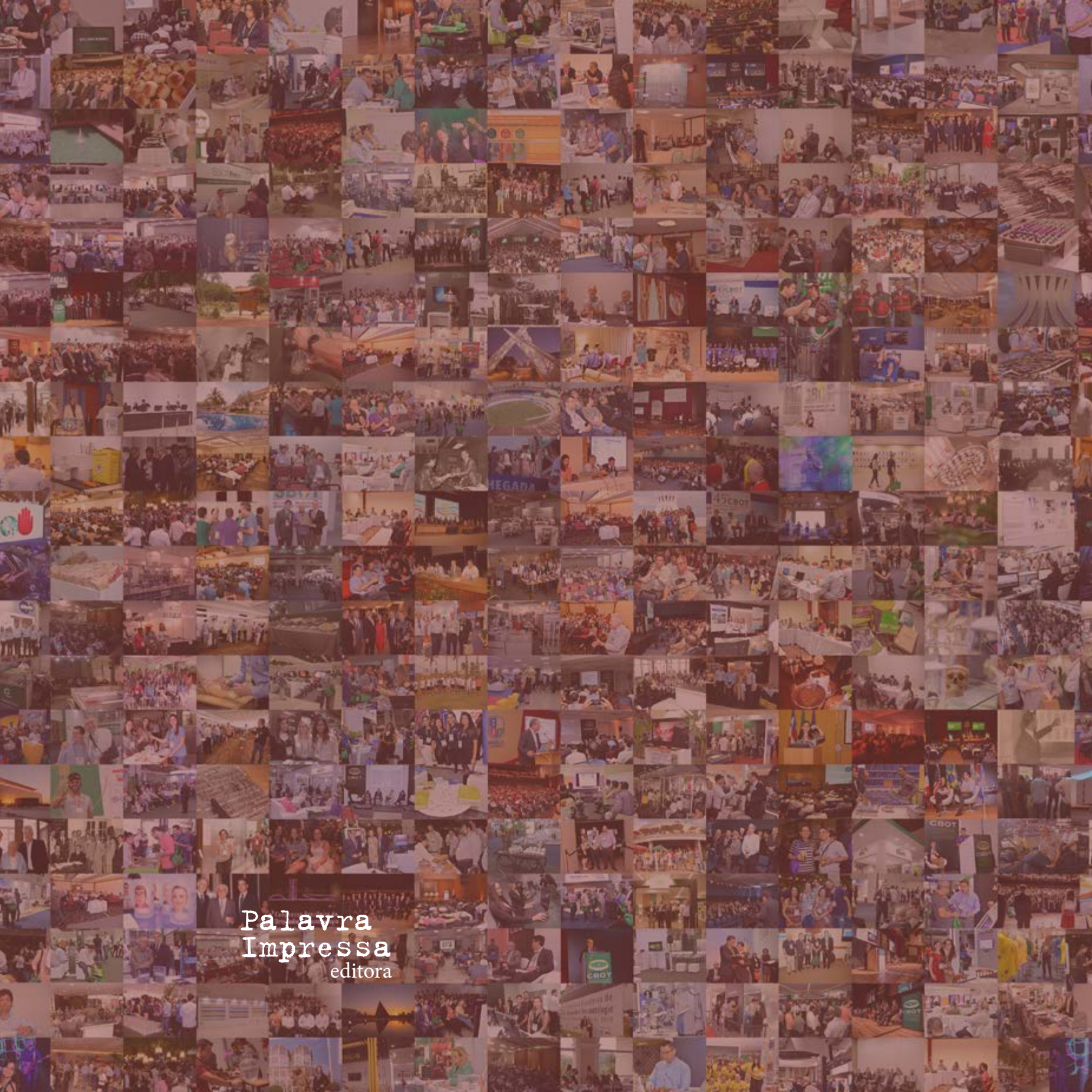
Uma mudança característica dos últimos dez anos é a interatividade nas aulas e nos eventos científicos, que passaram a ter uma participação efetiva de quem assiste e hoje questiona, argumenta e engradece cada aula. “A aula professoral do passado, com o mestre explanando e a classe em silêncio, não existe mais”, diz Fogaça. Há uma grande participação e questionamento e as mesas redondas são interativas.

Outra evolução marcante são as cirurgias gravadas no YouTube e também nos congressos, onde o Cine SBOT veio para ficar, com os cirurgiões sênior mostrando “como fazem os pequenos truques: as dicas tão úteis para quem está começando na profissão”, confirma Fogaça. Para o professor, a velocidade de produção de artigos faz com que as verdades mudem rapidamente e a isso é preciso somar a facilidade de pesquisa e o acesso aos artigos científicos. “Há dez anos, quando alguém voltava de um congresso no exterior, era assediado pelos colegas, querendo saber das novidades”, diz ele. Hoje isso não existe mais. “Foi publicado? Todo mundo tem acesso”.

Como diretor que foi da Comissão de Educação Continuada (CEC) da SBOT, Cohen lembra de quando “o ideal era revista com fotografias, casos clínicos apresentados em papel”. Hoje, eles foram substituídos pela mídia digital via vídeo, YouTube, WhatsApp, e o jovem aceita muito melhor esse tipo de informação. Cohen reconhece que o profissional mais velho estranha a falta de papel, mas terá que se adaptar. “Quem não se adaptar, vai ficar no meio do caminho”.

A evolução afeta as revistas científicas, confirma Gilberto Camanho, que, como editor da Revista Brasileira de Ortopedia, presidiu a decisão de torná-la exclusivamente eletrônica. “Em vez de revistas, teremos sites e novas ferramentas de busca para pesquisar os artigos por tema, autor, data, País, o que quer que seja”. A RBO, hoje, é totalmente digital e acessível por meio de seu site e pela base SciELO. Ninguém terá mais na estante do consultório a coleção encadernada da RBO, afirma Camanho — mas o editor lembra que essa opção positiva pela informática também tem um custo. Quando ele passou a dirigir a RBO, há dez anos, a revista em papel era tão rentável, que fornecia recursos para patrocinar parte das atividades da SBOT, mas, com o tempo, se tornou deficitária e agora, com a edição exclusivamente virtual, há que se encontrar uma maneira de financiar a publicação.





Palavra
Impressa
editora